

Theotonio Dos Santos: o intelectual revolucionário, pioneiro da teoria da dependência*

Cristobal Kay*

Resumo: A vida e a obra de Theotonio Dos Santos são analisadas, enfocando sua contribuição para a teoria da dependência, os anos de formação na academia e o ativismo político na Organização Revolucionária Marxista Política Operária (POLOP), a passagem pela Universidade de Brasília com Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini e André Gunder Frank. No exílio chileno, esses quatro pesquisadores se reagruparam no Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO), que se tornou o centro da teoria marxista da dependência na América Latina. Ali, Dos Santos escreve os textos fundadores da teoria da dependência. O golpe militar de 11 de setembro de 1973 obrigou-o mais uma vez ao exílio. Durante seu exílio no México e depois de volta ao Brasil, ele continua a desenvolver a teoria da dependência, mas concentra-se na teoria do sistema mundial.

Palavras-chave: Teoria da Dependência. Sistema Mundo. Ruy Mauro Marini. André Gunder Frank. Vânia Bambirra.

Tradução de Carlos Serrano da versão atualizada pelo autor do original Theotonio Dos Santos (1936-2018): The revolutionary intellectual who pioneered dependency Theory. *Development and change*, v. 51, n. 2, p. 599-630, 2019.

* Professor emérito em desenvolvimento rural e estudos sobre desenvolvimento no International Institute of Social Studies (ISS) da Universidade Roterdã, e professor e pesquisador associado ao Departamento de Estudos sobre Desenvolvimento da School of Oriental and African Studies (SOAS) da Universidade de Londres

Introdução

Em 11 de setembro de 1973, dia do golpe militar no Chile em que o governo de Allende foi derrubado, um decreto foi emitido pela junta militar chefiada pelo general Pinochet, no qual era mencionado o nome de Theotonio Dos Santos. Seu primeiro nome foi grafado incorretamente, como Teotorio, revelando a falta de familiaridade com os nomes brasileiros. Ele foi o único estrangeiro mencionado nessa lista de 95 pessoas. Seus nomes eram todos familiares para mim, como figuras públicas chaves do sistema político chileno. O decreto ordenava que se entregassem voluntariamente ao Ministério da Defesa antes das 16h30 desse dia fatídico e ameaçava que, “se eles se recusassem a fazê-lo, teriam de enfrentar as consequências que poderiam ser facilmente previstas”¹. A lista incluía os líderes dos vários partidos políticos da Unidade Popular (UP), que sustentava o governo Allende, bem como alguns funcionários-chave do governo. Incluía também os líderes do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), uma organização de extrema-esquerda que não pertencia à coalizão Unidade Popular. A maioria não se apresentou ao Ministério da Defesa: requisitaram asilo em embaixadas, esconderam-se ou foram detidos, mais cedo ou mais tarde. Outros foram fuzilados ou morreram em campos de concentração. Theotonio Dos Santos conseguiu asilo na Embaixada do Panamá, em circunstâncias difíceis (DOS SANTOS, 1978a, p. 14), onde ficou cinco meses antes que tivesse condições de deixar o país e iniciar no México o seu segundo exílio. Mas por que seu nome constava na lista?

Na época do golpe, Theotonio Dos Santos era o diretor do Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO), pertencente à Faculdade de Economia Política da Universidade do Chile, a principal e mais antiga universidade do país. Havia chegado ao Chile como exilado do Brasil apenas sete anos antes, em 1966. No CESO, Dos Santos escreveu seus principais textos sobre a teoria da dependência (doravante denominada TD), tornando-se um de seus pioneiros. Logo depois de Allende assumir o governo, em novembro de 1970, Theotonio Dos Santos e um membro de sua equipe de pesquisa sobre a dependência, Roberto Pizarro, foram abordados por uma pessoa-chave do Partido Socialista de Allende, convidando-os a tornarem-se membros. Talvez não seja surpreendente que tenham recebido esse convite, já que o programa da coalizão Unidade Popular foi fortemente influenciado pela TD. Pouco depois, Dos Santos juntou-se ao partido, em que nunca ocupou qualquer posição de liderança, embora tivesse fortes ligações com alguns de seus líderes. Como ele conta: “Era militante do partido, mas considerado como tal até certo ponto, porque me chamavam de companheiro intelectual, mas creio que era uma restrição, isto é, era militante, mas era intelectual” (LOZOYA, 2015, p. 269). Todavia, a junta militar conhecia muito bem o poder das ideias e queria silenciar sua voz.

Theotonio Dos Santos tem sido referido de várias maneiras: como “um dos mais brilhantes intelectuais da América Latina”, “um autêntico intelectual orgânico”, “um verdadeiro revolucionário”, “um dos mais importantes cientistas sociais e economistas

¹ Para o “Junta Militar Bando n°10: Ordem para os líderes políticos desta lista comparecerem às autoridades militares para serem presos”, veja-se: http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0022.pdf.

da história do século XX²; “um economista a serviço do povo”, ou que sua “contribuição epistemológica para as ciências sociais transcendeu o espaço regional da América Latina”². Algumas dessas caracterizações são naturalmente exageros de entusiásticos admiradores, mas refletem o impacto que teve sobre muitas pessoas e seu grande número de seguidores. Ele foi um orador inspirado, capaz de falar sobre uma grande variedade de tópicos contemporâneos de maneira crítica e esclarecedora. Como um ex-colega de CESO relembra: “Quando Dos Santos está em pleno voo, nos recorda a ‘imaginação sociológica’ de Wright Mills: começa a analisar a situação política e econômica, cravando estacas aqui e ali, cada vez com maior velocidade [...] onde encontramos centenas ou milhares de hipóteses de trabalho luminosas e prometedoras” (VALENZUELA, 2018, p. 2). Concordo plenamente com essa avaliação, tendo sido eu próprio colega de Theotonio Dos Santos. Mas o que agitava particularmente seu público e leitores era o otimismo que irradiava sobre as possibilidades de um futuro melhor.

Dos Santos foi um persistente crítico do imperialismo e do capitalismo e um defensor incansável do socialismo revolucionário. Suas previsões sobre os assuntos mundiais às vezes se revelavam erradas, mas ele fazia as pessoas refletirem e se engajarem. Ele era uma pessoa sociável, acessível, calorosa, e vital, que se movia por suas convicções e seu otimismo histórico. Seu otimismo contrastava com o pessimismo um tanto desorganizador de André Gunder Frank – outro colega do CESO. A história pessoal pregressa de Frank (sua família havia fugido da Alemanha nazista) contribuiu para que ele previsse corretamente a queda do regime de Allende. Enquanto ele estava fazendo as malas para deixar o Chile, tendo aceitado um convite na Universidade Livre de Berlim (KAY, 2005a), Dos Santos comprava uma casa em Santiago poucos meses antes do golpe militar. Seu otimismo foi muitas vezes deslocado, mas ele inspirou e encorajou as pessoas a participar de movimentos sociais e políticos progressistas.

Dos Santos poderia ser caracterizado como um intelectual comprometido, um intelectual orgânico, um intelectual público ou engajado. Entretanto, sua vida e sua obra são melhor capturadas na expressão usada por Lozoya (2015) – a de um “intelectual revolucionário”, que não só defende uma mudança revolucionária, mas também é capaz de revolucionar seu campo disciplinar³.

Anos de formação acadêmica e política no Brasil

É necessário dar o contexto em que Dos Santos cresceu, a fim de obter uma compreensão adequada do surgimento e do desenvolvimento da TD e de seu legado. Vários fatores desempenharam papéis-chave no surgimento da TD na América Latina: a turbulenta política mundial durante o período da Guerra Fria e, principalmente, as ramificações políticas na região da Revolução Cubana de 1959; a constatação de que o processo de industrialização por substituição de importações (ISI) não cumpria com todas as expectativas e entrava em uma fase de “exaustão” de sua etapa “fácil”; a crescente influência do marxismo entre estudantes e jovens acadêmicos, especialmente os escritos sobre

²Essas citações foram retiradas de vários obituários após sua morte.

³Uma excelente antologia da obra de Dos Santos foi editada em dois volumes por Bruckmann e López (2020).

imperialismo e descolonização; e, por último, mas não menos importante, a insatisfação com as teorias econômicas ortodoxas e a sociologia da modernização.⁴

Theotonio Dos Santos nasceu em 1936 em Carangola, no estado de Minas Gerais, no Brasil. Estudou Sociologia, Política e Administração Pública na Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo se formando em 1961. Fez seu mestrado em Ciência Política na Universidade de Brasília (UnB), fundada no mesmo ano em que a cidade, em 1960. Brasília substituiu o Rio de Janeiro como capital do Brasil, e sua localização no centro do país era altamente simbólica, assim como a arquitetura modernista de Oscar Niemeyer. Entre os fundadores da UnB estava Darcy Ribeiro, seu primeiro reitor, que encorajou estudos interdisciplinares, bem como currículos, pesquisas e métodos de ensino progressistas. Dos Santos concluiu seu mestrado em 1964 com uma tese sobre as classes sociais no Brasil (MARTINS, 1999). Enquanto concluía sua tese de mestrado, Dos Santos também se tornou professor em tempo parcial na universidade. Ele se lembra da universidade como “uma experiência extremamente rica no campo pedagógico, mas também pelo contato com o que havia de mais ousado na intelectualidade brasileira” (*apud* DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1036). Ele elogia seu “ambiente magnífico de ensino e aprendizagem” e lamenta que o projeto inovador de Ribeiro tenha sido “em grande parte destruído após 1964 pela ditadura militar” (DOS SANTOS, 2005a, p. 91). Enquanto estava na universidade, ele publicou seu primeiro livro, *Quem são os inimigos do povo?* (DOS SANTOS, 1962).

Na Universidade de Brasília, Dos Santos e os colegas, também alunos, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini, fizeram parte de um grupo de leitura sobre *O Capital*, de Marx – o que era bastante comum naquela época entre os estudantes de esquerda nas universidades por toda a América Latina. Viviam-se o período da Revolução Cubana, do surgimento de movimentos guerrilheiros em alguns países da região, bem como da crescente influência do marxismo e do ativismo entre os estudantes. Esses três colegas, a que me referirei como o “trio”, eram ativos politicamente e estiveram entre os fundadores da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária, designada por Política Operária ou POLOP. Essa foi uma organização de extrema-esquerda que resultou da fusão de várias organizações políticas revolucionárias menores, incluindo dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que discordavam da política desse partido por que considerá-lo colaboracionista de classe (MARTINS, 1999)⁵. Dos Santos já havia sido ativista em seus tempos de estudante na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo estado envolvido com o movimento sindical e a política socialista.

Ainda em Brasília, Dos Santos tornou-se secretário-geral da POLOP, mas se afastou da organização devido a diferenças políticas em relação à estratégia do *foquismo*. Um grupo dentro da POLOP assumiu a luta armada em sua luta pelo socialismo. Eles se inspiraram na Revolução Cubana e em Che Guevara, acreditando que a revolução poderia ser provocada por um pequeno grupo de lutadores (daí o termo “foco”)

⁴Ver KAY, Cristóbal (2019a), p. 15-28.

⁵Vários dos fundadores da POLOP tornaram-se intelectuais influentes no Brasil e no exterior, como Paul Singer, Eric Sachs, Emir Sader, Eder Sader, Michael Löwy e Simon Schwartzman, além do trio já mencionado (MARTINS, 1999). Raphael L. Seabra (2020) argumenta que os debates entre os membros da POLOP foram influentes na formação das ideias sobre a TD entre o trio.

engajados na guerra de guerrilha, entre o campesinato na zona rural. Esse foco desencadearia uma insurreição e se espalharia do campo para as cidades e, eventualmente, derrubaria o regime existente. Dos Santos recusou-se a endossar a luta armada porque não estava convencido de que ela levaria ao resultado desejado; em vez disso, ele argumentou que era necessário criar um movimento de massa por meio do trabalho político. Como previsto por Dos Santos, a luta armada fracassou, e muitos de seus companheiros morreram no processo (LOZOYA, 2015). Um dos livros de Dos Santos é dedicado ao “Comandante Juárez Brito; companheiro e amigo, tua morte não será em vão” (DOS SANTOS, 1972a)⁶.

Em 1963, André Gunder Frank foi contratado por Darcy Ribeiro como professor visitante para ministrar um curso de pós-graduação em teoria sociológica no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Ribeiro já era um antropólogo reconhecido e respeitado quando se tornou reitor dessa nova universidade. Seu colega antropólogo Eric Wolf recomendou-lhe Frank, de quem Dos Santos, Bambera e Marini tornaram-se alunos na UnB. Foi uma das primeiras nomeações de Frank como professor, então com 33 anos. Dos Santos tinha 26 ou 27 anos quando fez o curso de Frank e participou de seus seminários. É possível que os anos em Brasília (1963-1964), em uma universidade progressista, tenham influenciado as ideias de Frank para sua inovadora análise crítica da sociologia da modernização (FRANK), (1967, 1972)⁷. Dos Santos lembraria mais tarde: “Foi na UnB também que conheci André Gunder Frank e iniciamos sistematicamente uma colaboração de décadas com Ruy Mauro Marini, que junto com Vânia Bambera, minha então esposa, formamos um trio polemizado no mundo inteiro” (*apud* DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1036-1037).

Em 1964, um golpe de Estado militar derrubou o governo reformista de João Goulart, iniciando um período de ditadura que perdurou por 21 anos. Dos Santos entrou na clandestinidade, continuando dessa forma suas atividades, e decidiu pedir asilo na embaixada chilena em 1965, quando um tribunal de Minas Gerais o condenou a 15 anos de prisão por rebelião (LOZOYA, 2015)⁸. Em 1966, ele chegou ao Chile, onde vários proeminentes intelectuais já viviam no exílio, entre eles Florestan Fernandes, que ajudou Dos Santos a conseguir um emprego no CESO (VIDAL, 2013).

Fernandes era um renomado sociólogo, amigo de Eduardo Hamuy, um colega sociólogo, então diretor do CESO. O Chile naquela época era um lugar atraente e inspirador para um intelectual e ativista revolucionário. Os escritórios regionais de várias organizações das Nações Unidas estavam localizados na capital Santiago, entre eles o da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), do Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES) e da Organização das

⁶Vânia Bambera, que se casou com Dos Santos, viria posteriormente a editar um livro em dois volumes com as mais abrangentes análises dos movimentos revolucionários insurrecionais da América Latina da época, inclusive da POLOP (BAMBIRRA, 1971).

⁷A experiência latino-americana de Frank em um estágio inicial de sua vida acadêmica, vivendo de 1962 a 1973 na região, teve uma influência radical sobre ele e moldou muitas de suas ideias (KAY, 2005a).

⁸O tribunal militar o acusou de ser o “mentor intelectual da penetração subversiva no campo” (DOS SANTOS, 1978a, p. 13).

Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Essas e outras organizações internacionais atraíram alguns dos melhores profissionais da América Latina e de outros lugares. Vários exilados brasileiros encontraram emprego nessas instituições, entre eles Fernando H. Cardoso, que se tornaria um dos fundadores da TD e posteriormente presidente do Brasil. O Chile também era um lugar empolgante devido à sua cultura política relativamente madura e à existência de significativos partidos políticos marxistas. Eduardo Frei Montalva fora eleito para a Presidência com um programa reformista em 1964, e Salvador Allende ficara em segundo lugar nessa disputa presidencial. Assim, uma nova fase na vida de Dos Santos começa de maneira auspiciosa no Chile.

Exílio no Chile e a ascensão da teoria da dependência

Assim que se instalou no CESO, Dos Santos procurou recriar o trio da Universidade de Brasília para reforçar a capacidade de investigação do CESO, empurrá-lo mais para a esquerda e por motivos pessoais. Em 1967, Vânia Bambirra juntou-se aos quadros do CESO, e Dos Santos conseguiu convencer Ruy Mauro Marini a mudar seu exílio do México para o Chile. Marini seguiu seu conselho e viajou para o Chile, onde inicialmente conseguiu um emprego na Universidade de Concepción, no sul do país. É significativo que nessa universidade tenham estudado alguns dos principais dirigentes do MIR: a universidade era considerada uma das fortalezas desse movimento revolucionário que desenvolveu laços estreitos com os dirigentes revolucionários de Cuba. Após apenas um ano na Universidade de Concepción, Marini foi convidado, em 1970, a integrar o CESO e o trio reuniu-se novamente. Os três permanecem no CESO, até o fatal golpe de Estado de 1973. É esse trio que, junto a André Gunder Frank, está no cerne do desenvolvimento da tendência marxista da TD. Frank já estava no Chile, tendo aceitado, em 1968, um cargo no Departamento de Sociologia da Universidade do Chile em Santiago. O trio restabeleceu com Frank a relação que haviam formado em Brasília. Esta foi ainda mais fortalecida quando Frank foi para o CESO em 1971. O trio tornou-se um quarteto e o CESO ficou conhecido como o centro da TD na América Latina⁹.

Em meados de 1967, Dos Santos criou e liderou uma equipe de pesquisa para investigar as relações de dependência na América Latina. Um ano depois, ele apresentou um relatório de 14 páginas de sua equipe de pesquisa, que pode ser considerado um dos principais textos fundacionais da TD. Ao explicar os objetivos da pesquisa, ele forneceu uma das primeiras definições da dependência:

Se trata de analisar a dependência não apenas como um fator externo que limita o desenvolvimento econômico, mas sim como algo que conforma um certo tipo de estruturas sociais cuja legalidade ou dinamismo está dado pela condição dependente. Ao definir a dependência como o modo de funcionamento de nossas sociedades, se situa este conceito como o conceito explicativo fundamental da condição de subdesenvolvimento. (DOS SANTOS, 2015, p. 29)

⁹Para uma análise mais detalhada da história do CESO durante sua relativamente curta existência, de 1965 a 1973, veja-se Cárdenas (2011) e também Wasserman (2012).

A equipe inicial era composta de seis pesquisadores, dos quais apenas Dos Santos e Bamberger eram pesquisadores seniores, enquanto os demais estavam apenas a iniciar a carreira acadêmica. Havia também alguns alunos assistentes vinculados à pesquisa¹⁰. Uma das atividades da equipe de pesquisa do CESO sobre a dependência foi a organização de um seminário permanente, no qual proeminentes autores foram convidados a apresentar os seus trabalhos sobre temas relacionados com a dependência na América Latina; entre eles incluíam-se André Gunder Frank, Sergio Bagú, Marcos Kaplan, Aníbal Quijano, Osvaldo Sunkel, Tomás Vasconi e Pierre Vilar.

É digno de nota que, mesmo nessa fase inicial, não pensava a economia apenas em termos de América Latina, mas de maneira mais abrangente, mundial. Naquela época, os institutos de estudos latino-americanos não existiam em nenhuma universidade da região, muito menos centros sobre a economia mundial, e apenas alguns países começavam a estabelecer centros de pesquisa para o estudo de si próprios a partir das ciências sociais, em vez de uma tradicional, e geralmente conservadora, perspectiva histórica descritiva nacionalista. As únicas instituições com missão regional e localizadas na América Latina eram as várias Organizações ou Escritórios Regionais da ONU, como CEPAL, FAO, Unesco e OIT. Também nesse sentido, o programa de pesquisa de Dos Santos no CESO foi um esforço bastante pioneiro.

O conceito de dependência de Theotonio Dos Santos

A primeira visita de Dos Santos aos Estados Unidos ocorreu quando ele foi convidado pela Northern Illinois University em DeKalb, Illinois, a ser professor visitante no Departamento de Sociologia no primeiro semestre de 1969. Além de lecionar, ele aproveitou a oportunidade para realizar algumas pesquisas, reunindo um rico material empírico sobre a economia, a sociedade e a política dos Estados Unidos (DOS SANTOS, 1978a). Em dezembro daquele ano, ele foi convidado a apresentar um *paper* na 82ª Reunião Anual da American Economic Association (AEA), que ocorreu em Nova York. O título de sua apresentação foi “Imperialismo visto da periferia subdesenvolvida”, que ele apresentou no painel “Economia do imperialismo”; o presidente do painel era o conhecido economista marxista Paul Sweezy, editor-fundador da revista socialista independente, *Monthly Review*. Outro palestrante nesse painel foi Harry Magdoff, conhecido por seu trabalho sobre o imperialismo e estreitamente associado à *Monthly Review*. Os debatedores do painel foram os ilustres estudiosos Stephen Hymer, da Yale University; Arthur MacEwa, da Harvard University e Victor Perlo, formado pela Columbia University e membro do Partido Comunista dos Estados Unidos. Esse painel, presidido por Sweezy, foi bastante incomum, não só porque a maioria

¹⁰Para além das várias publicações de Dos Santos sobre a dependência, dois outros livros notáveis surgidos desta equipe de pesquisadores foram Caputo e Pizarro (1970) e Ramos (1972). Sergio Ramos era integrante do Partido Comunista do Chile, participou das discussões sobre o programa econômico da Unidade Popular e posteriormente integrou a equipe econômica do governo Allende. Ambos os livros tiveram influência significativa na formação do programa de governo da Unidade Popular.

dos palestrantes eram marxistas, mas também devido ao tema e ao fato de Dos Santos ser um sociólogo e não um economista no sentido tradicional¹¹.

O artigo de Dos Santos foi publicado no ano seguinte na *American Economic Review* (AER), o jornal mais influente em economia, com o título *The Structure of Dependence* (1970a). Ele se tornou conhecido inicialmente no mundo de língua inglesa em grande parte por meio desse artigo, que foi total ou parcialmente reimpresso em vários *readers*¹². Contém sua definição clássica de dependência publicada pela primeira vez em espanhol em uma publicação do CESO (DOS SANTOS, 1968b) e posteriormente reproduzida em uma compilação de alguns de seus textos no CESO (DOS SANTOS, 1970b). Esses textos do CESO, ou partes deles, foram reproduzidos em livros subsequentes de sua autoria [por exemplo, em Dos Santos (1978a)], por diferentes editoras em vários países latino-americanos (como, Dos Santos (1970c), bem como em livros editados por outros [por exemplo, Dos Santos (1972b)], garantindo assim uma ampla difusão de seu texto-chave sobre a dependência em toda a América Latina e além.

Qual é então a definição de dependência de Dos Santos?

Por dependência entende-se uma situação em que a economia de certos países é condicionada pelo desenvolvimento e expansão *de outra economia à qual a primeira está sujeita*. A relação de interdependência entre duas ou mais economias, e entre estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominantes) podem se expandir e podem ser autossustentáveis, enquanto outros países (os dependentes) podem fazer isso apenas como um reflexo dessa expansão, que pode ter um efeito positivo ou negativo em seu desenvolvimento imediato. (1970a, p. 231, grifo nosso).

Uma definição quase idêntica apareceu no texto anterior de Dos Santos apresentada na Assembleia do CLACSO de 1968 (veja nota de rodapé 11), que foi publicado (1970c). Esse texto foi traduzido por David Lehmann e publicado em um livro editado por Henry Bernstein, que também é frequentemente citado ou referido em textos de língua inglesa que discutem a TD. Vale a pena comparar as duas definições:

A dependência é uma *situação de condicionamento* [itálico no texto original em castelhano] em que as economias de um grupo de países são condicionadas pelo desenvolvimento e expansão de outros. Uma relação de interdependência entre duas ou mais economias ou entre essas economias e o sistema de comércio mundial torna-se uma relação de dependência quando alguns países podem se expandir por autoimpulsão enquanto outros, estando em uma posição dependente, só podem se expandir como um reflexo da expansão dos países dominantes, o que pode ter efeitos positivos ou negativos em seus desenvolvimentos imediatos. *Em ambos os casos, a situação básica de dependência faz com que esses países sejam atrasados e explorados* [grifo nosso]. (DOS SANTOS, 1973, p. 76)

¹¹ Versões semelhantes do texto foram apresentados anteriormente por ele na Segunda Assembleia Geral do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) e no Nono Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS), realizados, respectivamente em Lima, em 1968, e na Cidade do México, em 1969 (DOS SANTOS, 1970b, p. 11-12).

¹² Tal como nos *readers* editados por Fann e Hodges, Livingstone, Todaro e Wilber; vejam-se as referências em Dos Santos (1970a).

Existem duas diferenças notáveis entre essas duas definições: (1) por alguma razão, a última frase da segunda citação (veja-se nosso itálico), que reforça a definição de Dos Santos de TD, é omitida do artigo da AER; (2) a frase “a que o primeiro está sujeito” é omitida na primeira frase da segunda citação, mas está incluída na primeira citação, da AER (veja-se nosso itálico), fornecendo assim uma frase mais forte. Num texto publicado vários anos depois, Dos Santos (1991) esclarece que nas relações dialéticas entre os países dominantes e os dependentes, isto é, entre os fatores externos e internos, “seu processo de acumulação *condicionado* pelo modo de inserção nesta economia internacional e, ao mesmo tempo, *determinado* por suas leis próprias de desenvolvimento interno” (itálico no original de Dos Santos). (DOS SANTOS, 1991)

Influência do sistema centro-periferia de Raúl Prebisch

O que transparece dessas definições é a ideia central de um sistema mundial interdependente, seguindo a ideia de Prebisch do sistema centro-periferia (PREBISCH, 1950; KAY, 2019b), em que certa Divisão Internacional do Trabalho dita que os países centrais se industrializem e se desenvolvam por meio da exportação de produtos industriais, enquanto os países periféricos estão em grande parte confinados à produção e à exportação de produtos primários com base na exploração de seus recursos naturais. Tanto Dos Santos quanto Prebisch caracterizam isso como um sistema de trocas desigual, em que a periferia (ou países dependentes na terminologia de Dos Santos) transfere um excedente econômico para o centro (ou países dominantes). Prebisch explica essa transferência de excedente como decorrente da deterioração dos termos de troca na periferia, em termos da evolução do preço dos produtos primários exportados pelos países periféricos e importados pelos países do centro, em relação ao preço dos produtos industriais exportados pelo centro e importados pela periferia. Dos Santos também inclui outras transferências, como aquelas decorrentes de remessas de lucros, preços de transferência, pagamentos de *royalties*, pagamentos de juros elevados para o serviço da dívida externa e pagamentos por outros serviços comuns em estudos sobre imperialismo. Em publicações posteriores, Dos Santos também introduziu o conceito marxista de troca desigual derivado da análise de Emmanuel Arghiri (1972); este está enraizado na teoria marxista do valor-trabalho, portanto, não está confinado à produção e à exportação de matérias-primas pela periferia, como na análise de Prebisch, mas também surge na exportação de mercadorias industriais, bem como de serviços dos países dependentes para os países dominantes. Contudo, Prebisch (1950, 1964) refere-se à existência de excedente de trabalho na periferia como impulsionador de uma economia de baixos salários, uma das razões para a deterioração dos termos de troca da periferia, bem como para a troca desigual, prenunciando elementos da famosa análise de Arthur Lewis sobre “oferta ilimitada de trabalho” e termos de troca publicados em 1954. Tanto a “tese de Prebisch-Singer” – nome adotado para Prebisch e a análise de Hans Singer da deterioração dos termos de troca dos países dependentes – e a do intercâmbio desigual de Emmanuel criaram intensas controvérsias que não serão analisadas neste artigo¹³.

¹³ Veja Kay (1989) e Valenzuela (1972)

Existem, é claro, outras semelhanças e diferenças; não há espaço aqui para discutir-las todas, mas uma das grandes diferenças diz respeito à dimensão social e política. Ao contrário de Prebisch, Dos Santos foi um estudioso interdisciplinar treinado e um marxista, portanto, também trouxe para a análise das relações de dependência as dimensões social e política. Em seus escritos, Dos Santos sempre enfatiza as relações de classe internas ao país dependente e as relações políticas e como estas estão interligadas e articuladas de maneira dialética com as do país dominante. Portanto, a dependência não é apenas um fator externo, mas está intimamente relacionada e determinada pela estrutura interna e pelas relações sociopolíticas dos países dependentes. Embora Prebisch não fosse nem um sociólogo nem um cientista político, foi um ator político vigoroso e engajado em nível nacional na Argentina e no cenário mundial, por meio de suas atividades na CEPAL e na UNCTAD (DOSMAN, 2008; KAY, 2019b). Prebisch também foi um ativista, mas que poderia ser referido como um “ativista institucional”, tendo criado e moldado instituições durante sua vida. Enquanto os objetivos de Prebisch eram reformar as instituições e, assim, trazer um sistema de capitalismo mais justo e inclusivo, os objetivos de Dos Santos eram revolucionar esse sistema por meio de uma transformação socialista democrática.

Faço essas referências a Prebisch em parte porque seu paradigma centro-periferia e o trabalho da CEPAL – que ele liderou quase desde seus inícios no final dos anos 1940, até sua mudança para a UNCTAD em 1964 – tiveram uma influência significativa em Dos Santos e no surgimento da TD em geral. Mas olhar para Prebisch também ajuda a iluminar as duas vertentes diferentes dentro da TD, ou o que chamo de tendências estruturalista ou reformista e a marxista ou revolucionária (KAY, 1989; 1991). A perspectiva “estruturalista” sobre o desenvolvimento emergiu do trabalho de Prebisch e sua equipe na CEPAL, decorrente de sua ênfase nas características históricas e estruturais que moldaram o processo de desenvolvimento da América Latina (e outras regiões periféricas do mundo) desde o período colonial como distinto das estruturas econômicas (e sóciopolíticas) que surgiram desde a Revolução Industrial nos países centrais ou desenvolvidos (SUNKEL, 1966; SUNKEL; PAZ, 1970). Consequentemente, a América Latina teve de encontrar sua própria estratégia e caminho de desenvolvimento, já que as estruturas e as circunstâncias diferiam em comparação com aquelas do centro. Como forma de superar ou reduzir as consequências negativas da deterioração dos termos de troca, que limitava o potencial de desenvolvimento da região, Prebisch defendeu vigorosamente a industrialização da América Latina, o que exigia protecionismo, bem como outras medidas de apoio do Estado. Na época, tal proposta foi considerada uma heresia, dado o domínio da economia ortodoxa. Não é de admirar que Albert Hirschman (1961) caracterizou o relatório pioneiro de Prebisch (1950) como “manifesto da CEPAL”¹⁴, aludindo a outro manifesto histórico, pois desafiava a teoria comercial ortodoxa e a Divisão Internacional do Trabalho existente¹⁵.

Eu consideraria representantes-chave da versão estruturalista da TD, Osvaldo Sunkel (1969; 1972), Celso Furtado (1973, 1974; KAY, 2005b) e, com alguma ressalva,

¹⁴ N.T.: Hirschman também o chamava de “Manifesto latino-americano”.

¹⁵ Veja também o estudo da CEPAL (1950) elaborado em sua parte central por Raúl Prebisch.

Fernando Henrique Cardoso¹⁶(1972,1973) (CARDOSO e FALETTO, 1969), todos os que trabalharam, em algum momento, na CEPAL ou em instituições associadas. Para a versão marxista da TD, alguns dos principais colaboradores originais, para além de Dos Santos, foram André Gunder Frank (1966, 1972), embora novamente com a necessidade de alguma qualificação¹⁷, Ruy Mauro Marini (1972,1978) e Vânia Bambirra (1973, 1978). De uma perspectiva mais ampla, Prebisch poderia ser considerado um precursor da TD, pelo menos para a variante estruturalista. Os defensores da variante marxista criticaram Prebisch e a CEPAL por apoiarem a burguesia industrial emergente e por buscarem promover o desenvolvimento capitalista, ainda que por meio de reformas progressistas. Na visão dos autores da dependência marxista, tal processo apenas reforçaria as relações de dependência, daí sua defesa de uma transformação socialista¹⁸.

A análise da dependência de Theotônio Dos Santos

Qual é, então, a contribuição de Dos Santos para a TD? Já mencionamos sua definição de dependência, dada em resposta à sua própria pergunta de “o que é a dependência?”, a mais conhecida caracterização sintética de dependência. Embora o surgimento da TD seja um esforço coletivo e englobe mais vertentes que as duas que sugeri, existem algumas variações entre os autores dentro de cada vertente, decorrentes de diferentes ênfases nos vários aspectos do complexo da dependência ou devido a alguma ideia nova. Ao desenvolver suas ideias sobre a TD, Dos Santos fez uma leitura crítica da obra da CEPAL, com a qual se familiarizou pela primeira vez enquanto estudava e trabalhava na Universidade de Brasília, uma vez que a CEPAL havia estabelecido um escritório na nova capital do Brasil.

Os estruturalistas da CEPAL, embora proponentes de uma estratégia de industrialização por substituição de importação (ISI), tornaram-se críticos do caminho dos governos para segui-la. Após uma fase inicial de rápido crescimento industrial durante os anos 1950 e início dos anos 1960, o processo ISI entrou em uma fase de declínio. Uma das razões para essa desaceleração foi o gargalo do câmbio, que se desenvolveu

¹⁶Cardoso não se encaixa totalmente na posição estruturalista, já que seus escritos sobre o TD também são influenciados pelo marxismo. Ele tinha um bom domínio do marxismo, tendo participado de grupos de estudos marxistas em seus tempos de estudante, como tantos outros cientistas sociais latino-americanos desse tempo – mas não era marxista nem nunca fingiu ser. Mais tarde, ele mudou para uma posição neoestruturalista e, como presidente do Brasil, para uma posição neoliberal na visão de seus críticos de esquerda, entre eles Dos Santos.

¹⁷Frank discordava das várias maneiras pelas quais os autores da escola da dependência foram categorizados; veja seu extenso ensaio de revisão de cinco livros que discutem a TD (FRANK, 1991). Em segundo lugar, eu o considero principalmente um precursor da teoria do sistema mundial, e ele próprio preferiu usar os termos “desenvolvimento do subdesenvolvimento ou “metrópole-satélite” em vez de dependência – um termo que dificilmente usou – ao se referir aos países subdesenvolvidos ou dependentes (KAY, 2005a; 2011).

¹⁸É notável que em seus últimos anos, quando testemunhou a ascensão do neoliberalismo, Prebisch tornou-se um crítico feroz deste e se aproximou de algumas das posições dos escritores marxistas dependentistas (PREBISCH, 1981). Ele até defendeu “uma síntese do socialismo e do liberalismo econômico genuíno” (PREBISCH, 1984, p. 191).

na medida em que as importações aumentaram mais rapidamente que as exportações. À medida que a ISI prosseguia, era necessário aumentar as importações de bens intermediários (vários insumos), bem como de bens de capital (maquinário, ferramentas, peças de reposição), enquanto as exportações não aumentavam rápido o suficiente para gerar as divisas exigidas. Com isso, as importações desses bens tornaram-se mais caras e foram racionadas, afetando o investimento industrial e levando a menores taxas de crescimento. Além disso, as expectativas de geração de emprego e a melhoria na distribuição de renda altamente desigual eram decepcionantes.

Com base na análise da CEPAL e na sua própria, Dos Santos descobriu a crescente penetração de capital estrangeiro, principalmente de multinacionais estadunidenses, no setor industrial da América Latina. Enquanto no passado os investidores estrangeiros, em maior ou menor grau, investiam na mineração e em algumas explorações agrícolas, principalmente para exportação, agora eles começaram a direcionar seus investimentos para o setor industrial, estabelecendo subsidiárias de modo a manter o acesso ao mercado interno, pois tinham de enfrentar barreiras protetoras para a exportação de suas manufaturas. Como consequência da estratégia de ISI, a indústria tornou-se o setor mais dinâmico da economia na fase inicial. Assim, o capital estrangeiro ganhou um nível crescente de controle sobre a economia nacional por meio desse processo de desnacionalização. Além disso, a burguesia nacional acolheu esse capital estrangeiro e associou seus interesses aos da burguesia estrangeira, que foram os principais beneficiários domésticos. Dos Santos atacou a burguesia “nacional” por se tornar subserviente ao capital estrangeiro. Consequentemente, para os marxistas, a nova burguesia industrial foi vista como abdicante de seu papel historicamente progressista. Foi essa nova incursão e domínio do capital estrangeiro, e seu impacto na economia, sociedade e na política do país, que Dos Santos rotulou de “o novo caráter da dependência”, o título de uma de suas publicações (DOS SANTOS, 1968c).

Dos Santos estava preocupado que uma larga proporção do excedente econômico da indústria fosse transferida para o exterior, para o país de origem das multinacionais, limitando assim o processo de acumulação de capital e crescimento econômico. Ele interpretou essa situação recorrendo à teoria marxista do imperialismo e, particularmente, aos escritos de Vladimir Lenin, Rosa Luxemburgo e Nikolai Bukharin, bem como do não marxista John Hobson. Contudo, ao mesmo tempo que considerava as teorias do imperialismo um ponto de partida útil, reconhecia suas limitações: elas estavam principalmente preocupadas com os desenvolvimentos nos países imperialistas, enquanto negligenciavam a discussão das consequências que isso tinha para os países coloniais. Daí a necessidade de analisar, dentro de um quadro marxista, as transformações particulares dos países coloniais provocadas por sua incorporação à esfera dos países imperialistas. Dos Santos acreditava que uma forma distinta de capitalismo se desenvolveu dentro dos países dominados, portanto, seu objetivo era desenvolver uma teoria marxista da dependência que o marxismo clássico ou ortodoxo era incapaz de explicar completamente. Essa foi de fato uma tarefa ambiciosa e controversa, que ele empreendeu com os outros membros do “quarteto” do CESO e pelo qual foi criticado por alguns marxistas e não marxistas.¹⁹

¹⁹Veja KAY (2019a)

Para Dos Santos, um aspecto fundamental dessa nova dependência é a dependência tecnológica. O ciclo de acumulação de capital nos países dependentes não pode ser concluído internamente, pois eles possuem apenas um setor incipiente e simples de bens de capital. Tradicionalmente, a maioria, senão todos, os equipamentos e maquinários para a extração dos recursos naturais da região é importada dos países dominantes. Com a ISI, os países dependentes precisam importar o capital necessário e os bens intermediários para desenvolver seu setor industrial. A fim de alcançar um crescimento econômico sustentável e padrões de vida mais elevados, um país não pode depender apenas do uso de mais terra, trabalho e capital, mas deve contar cada vez mais com o aumento da produtividade desses três fatores de produção, introduzindo tecnologias avançadas e desenvolvendo seu próprio setor de bens de capital. Como os países latino-americanos ainda não haviam sido capazes de desenvolver esse setor de bens de capital, tiveram importar dos países dominantes as maquinarias e as ferramentas relacionadas, permitindo que estes adquirissem um controle ainda maior sobre suas economias. Em suma, uma das principais características da dependência é que os países dependentes carecem de capacidade de crescimento autônomo e autossustentável, pois a realização de seu ciclo de investimento requer, em maior ou menor extensão, a importação de bens de capital, portanto, não pode ser alcançada domesticamente.

É comum observar no processo de industrialização dos países capitalistas avançados que há certa sequência, desde a produção de bens de consumo até a produção de bens intermediários e de capital, em decorrência dos diversos vínculos entre eles. Assim, Dos Santos observou que a industrialização dos países dependentes tem potencialmente a capacidade de ultrapassar a dependência econômica:

Se as economias dependentes podem obter um alto grau de autonomia produtiva e desenvolver um importante setor I (de máquinas e matérias-primas industrializadas), o capital estrangeiro perderia a capacidade de determinar o caráter de seu desenvolvimento, se converteria em uma expressão puramente artificial que logo seria destruída, fazendo desaparecer a relação de dependência. (DOS SANTOS, 1978a, p. 100).

Essa afirmação é bastante notável, pois levanta a possibilidade de que a dependência possa ser superada dentro do capitalismo, prescindindo para isso da necessidade da revolução socialista. Dos Santos e Bambirra são os únicos autores da dependência marxista a levantar essa possibilidade²⁰, aproximando-se tentadoramente da posição de dependência estruturalista. No entanto, ambos continuam em suas análises argumentando que esse caminho para o desaparecimento da dependência é bloqueado pelo capital transnacional, à medida que as multinacionais estrangeiras deslocam suas indústrias de bens de consumo para os países dependentes e bloqueiam o estabelecimento de indústrias de bens de capital nacionais, de modo a manter seu controle sobre a tecnologia. Isso tem implicações deletérias para o progresso tecnológico e o crescimento nos países dependentes. Assim, é a influência política e o poder do capital transnacional (ou neoimperialismo, como alguns o chamam) que bloqueia essa possibilidade de libertação para os países dependentes (DOS SANTOS, 1972c).

²⁰Veja BAMBIRRA, 1973, p. 101.

As experiências de desenvolvimento de alguns dos novos países industrializados (NPIs), como a Coreia do Sul e Taiwan, parecem contradizer essa visão pessimista em última análise (KAY, 2002). Paradoxalmente, Dos Santos tem dificuldade em admitir que esses países possam desenvolver um setor de bens de capital, alcançando assim uma estrutura industrial integrada que possa romper com as correntes da dependência. Os NPIs eram vistos pelos dependentistas (termo usado para se referir aos escritores de dependência) como meras plataformas de exportação de bens de consumo industrializados, aproveitando sua mão de obra barata. Esse foi em parte o caso na primeira fase, com a criação de zonas de exportação industriais, principalmente nas áreas costeiras, que tinham poucas ligações com a economia doméstica. Dos Santos também argumentou que esses NPIs foram capazes de explorar períodos de crise nos países dominantes para desenvolver sua estrutura industrial, porém, na onda expansionista do capitalismo, os laços de dependência se reafirmariam (MARTINS, 1999). Eu sugeriria que outra razão para a relutância de Dos Santos em examinar mais de perto a experiência industrial bem-sucedida dos NPIs é que isso daria crédito à visão estruturalista da dependência e, particularmente, à tese do “desenvolvimento dependente associado” de Fernando Henrique Cardoso (1973), com quem Dos Santos tinha diferenças de longa data, pela qual Cardoso argumentou que os países dependentes poderiam alcançar altas taxas de crescimento econômico. O pessimismo de Dos Santos sobre o capitalismo foi contrabalançado por seu otimismo inabalável sobre o futuro do socialismo, que é um fio condutor constante ao longo de seus escritos.

Dos Santos rejeitou a possibilidade de uma aliança desenvolvimentista entre a burguesia industrial “nacional” e a classe trabalhadora, que os partidos de centro-esquerda e o partido comunista advogavam no Brasil e em outros países latino-americanos (DOS SANTOS, 1967). Segundo seus proponentes, tal aliança permitiria enfrentar tanto a classe latifundiária e a classe financeiro-comercial quanto o capital estrangeiro que bloqueava o potencial de desenvolvimento do país ao, por exemplo, se opor à reforma agrária. Os dependentistas marxistas argumentaram que a burguesia industrial estava longe de assumir tal postura progressista nacionalista, pois estava intimamente vinculada às outras frações da classe alta e preferia a aliança com o capital estrangeiro em vez de confrontar o (neo)imperialismo (DOS SANTOS, 1968a). Mudar as relações de dependência exigiria o confronto não apenas com a classe dominante dentro do país, mas também com a classe dominante do centro hegemônico. Somente uma aliança entre a classe trabalhadora, especialmente o “novo proletariado” surgido da ISI, o campesinato e alguns setores da pequena burguesia progressista, cabendo ao proletariado industrial o papel de liderança sob a bandeira do socialismo, seria capaz de romper os laços de dependência e alcançar um desenvolvimento inclusivo e justo.

Um ponto de viragem histórica: o fim da via chilena para o socialismo

A escolha política colocada para a América Latina foi descrita dramaticamente por Dos Santos (1969, 1977a) como sendo entre o socialismo e o fascismo. Ele foi influenciado por sua experiência do golpe militar de 1964 no Brasil, provocado pela crescente militância da classe trabalhadora e do campesinato e pelo aprofundamento das divisões e de conflitos de classe; e acreditava que as crescentes contradições do capitalismo

dependente levaria a uma ditadura fascista ou a uma revolução socialista. Dada a transferência de parte do excedente econômico via intercâmbio desigual para os países dominantes, a classe capitalista doméstica recorreu à superexploração de sua força de trabalho, seja pelo prolongamento da jornada de trabalho, seja pela intensificação do processo de trabalho, de forma a proteger seus lucros e permanecerem competitivos nos mercados internacionais (MARINI, 1972). À medida que o processo de ISI avançava, os requisitos de acumulação aumentavam, pois as indústrias se tornavam mais intensivas em capital, empurrando assim a classe capitalista a aumentar a extração de mais-valia do trabalho, exacerbando os conflitos sociais que levaram ao dilema mencionado tão duramente por Dos Santos (1972a): socialismo ou fascismo. Processos semelhantes estavam a ocorrer em outros países da região. Parecia que a intuição de Dos Santos não estava tão equivocada, já que, em 1970, um governo socialista foi eleito no Chile, seguido pela revolução sandinista na Nicarágua em 1979 e outras breves tentativas de algum tipo de socialismo. Mas essas experiências socialistas foram revertidas, e uma onda de ditaduras militares dominou o cenário político da região de meados dos anos 1970 aos anos 1980. Escrevendo uma década depois, Dos Santos não viu razão para mudar sua avaliação ao escrever: “[...] a profunda crise latino-americana não pode encontrar solução dentro do capitalismo. Ou se avança revolucionária e decididamente para o socialismo [...] ou se apela à barbárie fascista, única capaz de assegurar ao capital as condições de sobrevivência política.” (DOS SANTOS, 1978a, p. 471).

De fato, a barbárie parecia ter assumido o controle não apenas no Chile, com o longo governo da ditadura militar de 1973 a 1989, mas também em vários outros países da região, na esteira de outros golpes de Estado. O drama chileno marcou um ponto de inflexão ao inaugurar a era da globalização neoliberal e o declínio gradual ao TD. Mas primeiro a TD se espalhou para outros países da América Latina, Estados Unidos e Europa, dando-lhe um novo impulso devido à diáspora de exilados vindos do Chile. A transição chilena para o socialismo por meio das urnas atraiu a atenção internacional, apesar do pequeno tamanho do país e de sua localização, cercado pela alta cordilheira andina a leste e o vasto oceano Pacífico a oeste. Muitos acadêmicos, pesquisadores e ativistas visitaram o Chile durante os anos Allende para ver esse experimento em primeira mão. Como o CESO era o centro da TD, recebeu vários visitantes de destaque, entre eles Eric Hobsbawm, Alain Touraine e Paul Sweezy. As campanhas de solidariedade em todo o mundo desempenharam um papel crucial em assegurar a liberação e a passagem segura de muitos exilados, bem como em encontrar um meio de vida adequado para eles em seus novos países de residência.

Da dependência à teoria do sistema-mundo: do exílio no México à volta ao Brasil

Dos Santos teve a sorte de poucos meses depois de chegar ao México em 1974, poder retomar suas atividades acadêmicas com um emprego no *Instituto de Investigaciones Económicas* da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) na Cidade do México. É a principal universidade do país, com mais de 300 mil alunos, e uma das maiores universidades da América Latina. Em 1976, Dos Santos tornou-se coordenador do programa de doutoramento da Faculdade de Economia. Ele lecionou uma variedade de

disciplinas, como Economia Internacional e Economia Política da Ciência e Tecnologia, refletindo uma mudança em sua pesquisa em direção à economia mundial, com particular interesse na revolução técnico-científica, aprofundando assim seu foco anterior na tecnologia. Também ministrou cursos de Ciência Política e Filosofia na Faculdade de Ciência Política e Filosofia da UNAM (CNPq, 2018; DOS SANTOS, 2000/2002).

Como ele mesmo escreveu: “A partir de 1974, durante o meu segundo exílio no México, dediquei-me à questão mais global da Revolução Científico-Técnica, desenvolvendo junto com Immanuel Wallerstein, André Gunder Frank e Samir Amin, entre outros, uma teoria de um sistema mundial sobre a qual recai o foco de minhas pesquisas atuais” (DOS SANTOS, 1998, p. 68)²¹. André Gunder Frank (s.d.) reconheceria ao revisar o livro de Dos Santos (2000/2002): “foi Theotonio quem, décadas atrás, chamou nossa atenção para o fato de que devemos fazer nosso próprio estudo da economia mundial, como então fizemos” (FRANK, s.d.). Com seu compatriota Celso Furtado, entre outros, Dos Santos tornou-se cofundador da Associação de Economistas do Terceiro Mundo, cujo primeiro congresso aconteceu na Argélia em 1976, sob os auspícios do Movimento dos Não Alinhados, formado em 1961 por um grupo de países (em grande parte em desenvolvimento) que não estavam alinhados aos principais blocos de poder existentes na época, os EUA e a URSS. Seu amigo Samir Amin também esteve presente (DOMÍNGUEZ-MARTÍN, 2018). Os debates nesse congresso foram muito influenciados pela TD, pois suas ideias se espalharam para outros países do Terceiro Mundo (para usar um termo comum nos tempos da Guerra Fria), indo para muito além da região que lhe deu origem.

Embora o trio Bambirra-Marini-Dos Santos tenha ido para seu segundo exílio para o México, morando na Cidade do México e trabalhando na mesma universidade, a UNAM, eles foram incapazes de recriar o entusiasmo, a unidade, o senso de propósito e a urgência política que haviam sido a razão e a motivação para seu trabalho colaborativo desde os dias de estudante. Eles eram todos figuras bem estabelecidas, cada um com seus próprios seguidores. Eles gradualmente se distanciaram profissionalmente, cada um perseguindo sua própria agenda de pesquisa particular. Embora Bambirra e Dos Santos tenham publicado alguns capítulos e livros conjuntos (por exemplo, BAMBIRRA; DOS SANTOS, 1979, 1980) durante esse período, eles não estavam trabalhando juntos na TD. Os tempos e as circunstâncias mudaram à medida que a maré histórica virou²².

Durante seu exílio no México, Dos Santos reuniu vários de seus trabalhos anteriores sobre TD, reunindo-os com alguns capítulos adicionais escritos no México, no que considero ser seu livro mais importante sobre a dependência (DOS SANTOS, 1978a). Também publicou livros sobre suas novas pesquisas em torno da Revolução Científico-Tecnológica (*Idem*, 1977b) e sobre a crise do imperialismo (*Idem*, 1977c), bem como uma crítica ao milagre brasileiro (*Idem*, 1974, 1978b). Ele continuou a publicar

²¹ Um quarto de século após 1974, Dos Santos (2000) contribuiu com um capítulo sobre a gênese do conceito “sistema econômico mundial” em uma publicação em homenagem (*Festschrift*) a Immanuel Wallerstein.

²² Alguns outros colegas do CESO também encontraram refúgio no México, tornando-se cientistas sociais e pensadores influentes, incluindo José Valenzuela Feijó na economia, Jaime Osorio na sociologia e Álvaro Briones em várias áreas.

um grande número de artigos sobre os assuntos mundiais, o capitalismo contemporâneo, o marxismo, o socialismo, o problema da dívida externa, as empresas transnacionais e o Brasil. Algumas das pesquisas que iniciou no México só foram publicadas mais tarde, após seu retorno ao Brasil em 1979, com a restauração da democracia – e depois de ter se assegurado de que a anistia política concedida pelo governo pós-ditadura também se aplicava a seu caso (DOS SANTOS, 1983a, 1983b, 1984).

Ao retornar ao Brasil, Dos Santos se lançou na política e escreveu um livro sobre o caminho brasileiro ao socialismo (DOS SANTOS, 1986). Foi um dos membros fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT), que perseguia o socialismo democrático. Seu líder fundador foi Leonel Brizola, político que Dos Santos admirava desde a juventude no Brasil e que foi eleito duas vezes para o governo do estado do Rio de Janeiro²³. A encarnação anterior desse partido antes da ditadura, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), extinto por esta, era o maior partido de esquerda no Brasil. Com a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT), essa posição foi reivindicada pelo PT, cujo líder, Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, foi eleito presidente do Brasil com o apoio do PDT, servindo dois mandatos entre 2003 e 2010. Dos Santos concorreu a governador em seu estado natal, Minas Gerais, em 1982, mas não foi eleito. Posteriormente, concorreu a deputado federal constituinte, em 1986, novamente sem sucesso (MARTINS, 1999). Quando Brizola e seu PDT romperam com o governador Anthony Garotinho, liderança emergente do mesmo partido que ameaçava o protagonismo do primeiro, ao aspirar a Presidência da República nas eleições de 2002, Dos Santos ingressou com ele no Partido Socialista Brasileiro (PSB), de tendências social-democratas, para viabilizar essa candidatura.

Embora Dos Santos (2000/2002) inicialmente tenha visto a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a Presidência do Brasil em 1995 como um passo positivo, ele logo se tornou crítico da mudança do governo para a direita, sua adoção de políticas neoliberais e seu autoritarismo crescente: “Cardoso parece querer nos convencer de que o Brasil hoje precisa de um homem de esquerda com a linguagem da direita” (DOS SANTOS, 1998, p. 67). O relacionamento cordial inicial entre Dos Santos e Cardoso durante seu período no Chile, portanto, tornou-se tenso após seu retorno ao Brasil devido às suas diferenças políticas. Em uma carta aberta escrita em 2010 - oito anos após o fim da presidência de Cardoso em 2002 - Dos Santos acertou contas com Cardoso criticando-o publicamente pelo desempenho de sua presidência. Essa carta aberta foi provocada por outra carta aberta, a de Cardoso a Lula, que estava chegando ao fim de sua presidência, na qual Cardoso defende a sua atuação como Presidente e ataca a de Lula. Dos Santos começa sua carta da seguinte maneira:

Meu caro Fernando, vejo-me na obrigação de responder a carta aberta que você dirigiu ao Lula, em nome de uma velha polêmica que você e o José Serra iniciaram em 1978 contra o Rui Mauro Marini, eu, André Gunder Frank e Vânia Bambilra, rompendo com um esforço teórico comum que iniciamos no Chile na segunda metade dos anos 1960. (2010a, p. 1)

²³ N.T.: Leonel Brizola foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1983-1987 e 1991-1994. Antes do golpe de Estado de 1964, fora também governador do estado do Rio Grande do Sul (1959-1963), deputado federal pela Guanabara (1963-1964), prefeito de Porto Alegre (1956-58) e deputado federal pelo Rio Grande do Sul (1955-1956).

Ele caracterizou o governo de Cardoso como medíocre e o queria longe do poder no Brasil, como, em sua opinião, a maioria dos brasileiros também queria. No entanto, caso eles se encontrassem em um evento acadêmico, ele ficaria feliz em continuar as discussões sobre a TD com ele. Ele termina sua carta expressando pesar por ter de confrontá-lo dessa maneira radical, dada a antiga amizade deles. Apesar da defesa de Dos Santos do governo Lula em comparação com o de Cardoso, ele também foi crítico a Lula; ele acrescentou sua assinatura a um manifesto de mais de 300 economistas, em grande parte ligados ao partido de Lula, o PT, exigindo uma mudança na política econômica. Esse manifesto foi publicado em 2003, durante o primeiro ano da Presidência de Lula, e foi seguido um ano depois por uma carta mais crítica atacando Lula por seguir as mesmas políticas econômicas do governo anterior de Cardoso (LEIVA, 2008).

Na frente acadêmica, Dos Santos passou por várias universidades; em 1984 organizou um congresso internacional de economistas que reuniu Frank, Marini e Wallerstein (DOMÍNGUEZ-MARTÍN, 2018). Em 1988, ele e Ruy Mauro Marini conseguiram se reintegrar à Universidade de Brasília, graças à Lei da Anistia. Em 1992, Dos Santos conquistou por concurso público o cargo de Professor Titular de Economia na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro²⁴, alcançando, em 2009, o título de professor emérito do Departamento de Ciência Política, onde havia se integrado. Em 1985, recebeu o doutorado de Economia por notório saber pela Universidade Federal de Minas Gerais, por sua contribuição ao conhecimento por meio de suas múltiplas publicações. Nesse período, também desenvolveu vínculos com a Universidade das Nações Unidas (UNU) e com a Unesco, coordenando como presidente o programa de ensino conjunto sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável da rede conhecida como REGGEN. Ele também assumiu vários cargos de liderança em associações profissionais e instituições, tornando-se presidente da Asociación Latina-Americana de Sociología (ALAS), membro do conselho executivo da Asociación Latinoamericana de Política Científica y Tecnológica, consultor do Sistema Económico Latinoamericano (SELA) e diretor de estudos da Maison des Science de l'Homme da Universidade de Paris I. Em 1990 tornou-se professor associado da Universidade Ritsumeikan em Kyoto e da Universidade de Paris VIII (MARTINS, 1999).

Capitalismo contemporâneo, crise e teoria social

Nos últimos anos de sua vida, Dos Santos renovou seus esforços de contribuição para a teoria crítica, escrevendo o que se tornou uma trilogia que ele chamou de *La Trilogía sobre el Capitalismo Contemporáneo, La Crisis y la Teoría Social*. No primeiro livro dessa trilogia, Dos Santos (2000/2002) reúne várias de suas reflexões sobre a TD publicadas na década de 1990, bem como sua crítica aos setores de esquerda que seguiram o projeto neoliberal. No segundo livro (DOS SANTOS, 2004), discute as principais transformações da economia mundial e os desafios e oportunidades que elas oferecem para a integração regional latino-americana, como forma de superar a desintegração gerada pelo processo de globalização neoliberal. Ele já havia tocado nessas questões, incluindo o tópico cada vez mais popular do desenvolvimento sustentável, em um livro anterior (*Idem*, 1993).

²⁴ N.T.: Estado do Rio de Janeiro, cidade de Niterói.

No último livro dessa trilogia (DOS SANTOS, 2007), faz uma crítica contundente da base filosófica do neoliberalismo e de seu fundamentalismo de livre mercado. Destaca a relação entre o terrorismo de Estado e as políticas neoliberais, tendo por base a experiência do Chile e de outros países da região, e demonstra como os governos e o capital usam as recessões econômicas para disciplinar o trabalho, erodir os direitos dos trabalhadores e desativar os movimentos sociais. Ele também analisa as ondas longas de Kondratiev dentro de uma perspectiva de sistema mundial, argumentando que um ciclo expansivo começou em 1994 tendo por base a Revolução Científico-Técnica, que levou à enorme transferência de recursos para o sistema financeiro. Em seu longo prólogo na edição peruana do segundo livro, publicado em 2010 com um título ligeiramente diferente, ele se refere à crise financeira e à recessão de 2008-2009 como evidência da instabilidade do livre mercado e mostra como isso está abrindo uma nova fase recessiva longa no sistema capitalista mundial, com consequências negativas colossais. Argumenta que essa profunda crise pode abrir o caminho para experiências pós-capitalistas ou mesmo socialistas com força suficiente “para inaugurar um novo sistema mundial, assentado em uma civilização planetária, plural, igualitária e democrática” (DOS SANTOS, 2010b, p. 18). Ele alerta os leitores que tal resultado não é garantido, pois o fascismo pode levantar sua horrenda cabeça novamente, como aconteceu em crises anteriores do capitalismo (CAPUTO, 2018 [2013]).

Embora Dos Santos tenha feito referência a uma “civilização planetária” no terceiro livro de sua trilogia, foi somente em seus últimos anos que desenvolveu adequadamente esse conceito, enquanto tentava lidar com o processo de globalização, no que se revelou seu último grande livro – e de tamanho considerável, com 561 páginas – escrito em homenagem a Celso Furtado. Ele escreve:

Como notamos, o mundo está se transformando, drasticamente. Estamos na fronteira de uma nova era econômica, social, política e cultural. O que a define é, essencialmente, a criação de uma dimensão global da vida, que é o ponto de partida para uma civilização planetária. (DOS SANTOS, 2016, p. 250).

Ele então faz uma útil distinção entre os conceitos de globalização, economia mundial, sistema mundial e nova ordem mundial e explica o significado de seu novo termo:

O conceito de uma **Civilização Planetária** está baseado na ideia da convergência de civilizações e culturas em direção a um convívio plural num sistema planetário único. Este novo estágio de civilização ainda não se concretizou, mas já é antevisto pelos interesses comuns de todos os países e de todos os governos, que precisam sobreviver num planeta único, integrado por modernos meios de comunicação e transporte. Todos estão subordinados aos mesmos recursos naturais globais, e suas populações dependem de uma herança biológica e cultural, comum a toda humanidade. (DOS SANTOS, 2016, p. 251)

Além disso, ele profere este aviso dramático: “A civilização planetária será pluralista, tolerante e múltipla ou não será!” (DOS SANTOS, 2016, p. 13). Em um artigo relacionado, ele reivindica

[...]uma concepção revisada de desenvolvimento em termos mais sociais, sustentáveis e humanos, um papel mais forte para o Estado na organização das economias local, nacional e mundial, e um sistema mais forte de relações Sul-Sul com base no renascimento das ins-

tituições do Terceiro Mundo e uma estrutura civilizacional, filosófica e política que transcende a visão eurocêntrica do mundo. (DOS SANTOS, 2011, p. 45; veja-se IDEM, 2012).

Na longa introdução desse livro, Santos (2016) se refere à sua relação com Furtado e ao seu envolvimento no lançamento da candidatura de Furtado ao Prêmio Nobel de Economia como um grande evento em 2003²⁵. Surpreendentemente, ele não se refere às respectivas contribuições para a TD. Furtado foi um dos primeiros estruturalistas, tendo ingressado na CEPAL ainda jovem, e mais tarde se tornou um dos principais representantes da variante estruturalista da TD. Embora os dois tivessem muito em comum, Dos Santos criticou essa vertente da TD por seu reformismo. Embora os tempos produzam mudanças, o julgamento crítico sobre Dos Santos feito por Domínguez-Martín (2018) com referência a este livro está aberto a questionamentos:

tributo que resulta sintomático de sua [Dos Santos] identificação final com o enfoque interdisciplinar e culturalista do grande intelectual brasileiro [Furtado] resumido no conceito de ‘civilização planetária’, que acabou substituindo o socialismo no horizonte utópico de Theotonio. (2018, p. 195-196)

Dos Santos (2016) menciona em seu prefácio que já havia usado o termo “civilização planetária” em uma publicação de 1988²⁶. Em um significativo e simbólico parágrafo ele se refere aos intelectuais comprometidos, lutadores e amigos que morreram, e dá seus nomes, mais de 45 deles. Entre esses amigos destaca Darcy Ribeiro que, como mencionei antes, foi o primeiro reitor da Universidade de Brasília, onde o quarteto plantou as sementes da TD (DOS SANTOS, 2016, 14). Dos Santos foi o último dos dependentes marxistas pioneiros a morrer. Nesse reconhecimento muito comovente, ele, de certa forma, despedia-se de seus amigos falecidos e talvez também de seus amigos sobreviventes, leitores e gerações mais jovens.

Sobre as origens e a relevância da teoria da dependência

Embora as origens da TD sejam diversas, e “dependência” e termos similares tenham sido usados anteriormente por vários autores, foi somente em meados da década de 1960 que o termo passou a ser usado de forma sistemática por Dos Santos, Marini, Bambirra (“o trio”), Frank (“o quarteto”) e Cardoso. A base original da variante marxista da TD pode ser rastreada até a troca de ideias do quarteto durante seus anos na recém-fundada Universidade de Brasília (WASSERMAN, 2012). Talvez seja simbólico e apropriado que isso tenha acontecido em Brasília, a nova capital do Brasil, localizada no coração da América do Sul, já que a TD foi, sobretudo, uma crítica audaciosa das teorias de desenvolvimento dominantes nortecêntricas e uma manifestação do pensamento crítico criativo a partir da perspectiva do Sul. Pensadores como José Carlos Mariátegui (1928/1955) com seus “Sete Ensaios” e Raúl Prebisch (1950) com seu “Manifesto da CEPAL” começaram a facilitar o avanço dessa crítica, mas foi a TD

²⁵ Para um artigo sobre o legado de Celso Furtado, veja-se Kay (2005b). Embora a campanha tenha causado grande reboleto, não foi bem-sucedida em seu objetivo: Furtado não recebeu o Prêmio Nobel.

²⁶ Dos Santos, 1988; ver também Dos Santos, 2010c.

que alcançou impacto global e marcou o ponto de inflexão fundamental na busca de uma voz autóctone da região e do Sul (MALLORQUÍN, 2021). Quaisquer que sejam as limitações da TD, essa é a sua principal contribuição para as ciências sociais no que hoje se pode denominar descolonização do conhecimento²⁷.

Têm havido muitas análises e críticas da TD, de uma variedade de quadrantes, incluindo debates entre os dependentistas²⁸. Para Cardoso e Faletto (1979, p. xxiii), não fazia sentido tentar formular uma teoria do capitalismo dependente com suas próprias leis de movimentos. Cardoso preferiu discutir diferentes situações de dependência em vez de tentar construir uma teoria global. Enquanto Marini desenvolveu a formulação teoricamente mais avançada da TD a partir de uma perspectiva marxista, Bambirra (1973) considerava que a vertente marxista da dependência ainda não havia alcançado um *status* teórico²⁹. José Valenzuela (2021), colega do quarteto CESO, é mais enfático: ele argumenta que “a abordagem não conseguiu avançar para o *status* de um *corpus* teórico compacto e de ordem superior”. Eu acrescentaria: nem a vertente estruturalista. A TD pode não ser uma teoria no sentido estrito do conceito, mas foi um fenômeno social, político e cultural de seu tempo³⁰.

Dos Santos foi levado a discordar de Cardoso quanto a quem primeiro lançou a TD. Ele se ressentiu com uma afirmação de Cardoso (1980) em que este pretende atribuir a si mesmo a autoria única das origens da TD. Em vez disso, Dos Santos argumenta que já havia antecipado a tese da dependência em uma publicação de 1966 que Cardoso leu e citou posteriormente³¹. Além disso, ele esclarece que:

“Fizemos vários seminários juntos em Santiago de Chile e, apesar de eu ser mais jovem, creio que nos influenciámos mutuamente. Apesar de muitos autores terem tentando revelar-se criadores da teoria da dependência, fomos eu, André Gunder Frank e Fernando Henrique Cardoso. Considero essa uma questão secundária” (DOS SANTOS, 2002 [2000], p. 145-146)³².

²⁷ Como exemplo, considere o seguinte texto da Redemption Song do icônico cantor caribenho Bob Marley: Emancipem-se da escravidão mental / Ninguém exceto nós mesmos pode libertar nossa mente / [...] Você não ajudará a cantar / Essas canções de liberdade? / Isso é tudo que eu sempre peço “. Esta canção é citada pelo influente dependentista caribenho Norman Girvan (GIRVAN, 2006, p. 347). Um dos principais contribuidores para a análise da dependência ideológica e cultural é Tomás Vasconi (1971, 1972); veja também seu artigo com Marco Aurelio García de Almeida (VASCONI; GARCIA ALMEIDA, 1972).

²⁸ Dos Santos (2000; 2002) escreveu que meu livro (KAY, 1989) “oferece o melhor resumo dos debates do período”, e que meu artigo (KAY, 1993) “indica com aguda perspicácia alguns caminhos atuais do debate”.

²⁹ Segundo Seabra (2019), a vertente marxista da dependência alcançou o status de teoria em grande parte devido à obra de Ruy Mauro Marini.

³⁰ Robert Packenham (1992:, p. vi) refere-se ao “movimento de dependência” que ele ataca por politizar a ciência ao violar “o valor mais básico da academia: a liberdade de ir aonde os fatos, a lógica e a razão levam, livre de pressões políticas e de medos de ser politicamente incorreto”. Para uma revisão do livro de Packenham, veja-se Kay (1994).

³¹ Dos Santos refere-se a um texto mimeografado seu de 1966, que Cardoso citou em algumas de suas publicações anteriores e que foi devidamente publicado um ano depois como Dos Santos (1967).

³² Surpreendentemente, Dos Santos não se refere aqui a Ruy Mauro Marini ou Vânia Bambirra.

Frank (2003) refere-se a este comentário de Dos Santos e concorda plenamente com ele, indo ainda mais longe, ao argumentar que não é apenas uma questão menor, mas não deveria ser uma questão de todo³³.

Depois de deixar o Chile em 1973, para nunca mais voltar a viver na América Latina, Frank “reorientou” sua pesquisa e publicou seu último livro importante (que considerou o melhor) sobre a Ásia (FRANK, 1998; KAY, 2011). Embora já não fosse o foco de sua pesquisa, Frank permaneceu firmemente enraizado na América Latina, como afirmou Dos Santos (2005b), Frank “se sentia acima de tudo um latino-americano”. A amizade deles perdurou, conforme ilustrado pelo fato de que cada um contribuiu com um capítulo para um livro editado em homenagem ao outro (DOS SANTOS, 1996; FRANK, 1999). Após a morte de Frank em abril de 2005, Dos Santos escreveu um obituário comovente contando a última visita de Frank ao Brasil em agosto de 2003:

O próprio André também foi capaz de finalmente retornar a Brasília, São Paulo e Santa Catarina. Apesar de sua já avançada enfermidade, fez questão de viajar por todos estes lugares para testemunhar que a teoria da dependência nasceu em 1963-1964 dos nossos debates e descobertas no magnífico ambiente de ensino e aprendizagem que era a Universidade de Brasília. (2005a, p. 91)

Se as reflexões do quarteto na Universidade de Brasília foram precursoras da TD, foi por meio de suas contínuas pesquisas no CESO de Santiago que esta se desenvolveu e amadureceu. Tanto Dos Santos como Marini guardam boas recordações do curto, porém, intensamente criativo período no CESO. Como recorda Dos Santos (2005b):

Exilado no Chile como nós, André ingressou no Centro de Estudos Sócio-Econômicos (CESO) da Faculdade de Economia da Universidade do Chile, do qual fui o Diretor. Também estiveram presentes Ruy e Vania, o que nos permitiu realizar muitos projetos conjuntos. A experiência de governo da Unidade Popular foi um grande estímulo para o trabalho intelectual, um laboratório fantástico para analisar a mudança social e revolução. Frank viveu essa realidade com muita intensidade, com o apoio de sua esposa Marta, que era chilena. (2005a, p. 91)

Anteriormente, ele também havia elogiado o ambiente fraterno do CESO, que facilitou o debate aberto e franco, o que era geralmente incomum nos círculos intelectuais (DOS SANTOS, 1970b). Ruy Mauro Marini compartilhou esses sentimentos: “O CESO foi, em seu momento, um dos principais centros intelectuais da América Latina. Entretanto, o segredo da intensa vida intelectual que o caracterizou foi a permanente prática interna de diálogo e discussão” (MARINI, s.d., *apud*. CÁRDENAS, 2015, p. 122)³⁴.

³³ Embora os termos “dependente” ou “dependência” tenham sido usados antes por alguns escritores, seu uso era amplamente descritivo e carecia do significado analítico desenvolvido pelos autores mencionados neste artigo. Celso Furtado (1956) utilizou o termo em meados da década de 1950 em seu livro sobre a economia brasileira, mas foi somente em seus escritos posteriores que o termo adquiriu o sentido próprio (KAY, 2005b). Para discussões sobre as origens da teoria da dependência, veja-se Palma (1978), Kay (1989) e especialmente Love (1990).

³⁴ Para uma análise do CESO, das ciências sociais e do clima político no Chile durante os anos 1960 e início dos anos 1970, veja-se Cárdenas (2011 e 2016), Lozoya (2013 e 2020) e Salinas (2015).

Nos últimos anos de sua vida, Dos Santos recebeu vários títulos de doutor *honoris causa* de universidades no Peru, no México, no Argentina e no Chile, bem como outras distinções e prêmios, entre eles o World Marxian Economics Award concedido pela Associação Mundial de Economia Política (WAPE, na sigla em inglês). Surpreendentemente (e vergonhosamente), ele não recebeu um título de doutor *honoris causa* da Universidade do Chile. Mas ex-colegas do CESO e amigos organizaram um evento em homenagem a Dos Santos logo após a sua morte, que teve lugar no edifício histórico principal da Universidade do Chile, a apenas algumas quadras do palácio presidencial onde Allende morreu em 11 de setembro de 1973.

A TD ainda é relevante hoje? Enquanto a vertente estruturalista da TD se converteu em neoestruturalismo como uma forma de lidar com a violenta ofensiva do neoliberalismo, aqueles que trabalham dentro da vertente marxista da TD mudaram amplamente para a teoria do sistema-mundo. Enquanto a mutação da primeira em neoestruturalismo poderia ser considerada um retrocesso, no sentido de que incorporou elementos do neoliberalismo e desistiu de alguns aspectos-chave do estruturalismo (GWYNNE e KAY, 2004), a mudança da última para a teoria do sistema-mundo poderia ser considerada uma evolução natural, especialmente para aqueles que eram teóricos do sistema mundial *avant la lettre*, como foi o caso de Dos Santos – embora, ao contrário de Frank, que abraçou totalmente a teoria do sistema-mundo, ele continuou a usar o conceito de dependência até sua morte. Na tentativa de responder à questão de sua pertinência, alguns analistas escreveram sobre a relevância contínua da TD (KAY; GWYNNE, 2000); sobre sua vida, morte e ressurreição (BEIGEL, 2006); sobre sua ascensão e queda, mas deixando em aberto sua possível redenção (CORTÉS, 2016; SANCHÉZ, 2003); sobre como atualizá-la (KATZ, 2019); reformulando-a (RODRIGUES, 2014); recarregando-a (PIMMER; SCHIMIDT, 2015); reafirmando sua relevância (KVANGRAVEN, 2020; ÖZEKIN, 2020) e indo além dela (DE OLIVEIRA, 2020). Qualquer que seja o veredicto sobre a relevância contemporânea da TD, é indubitável que experimentou um renascimento após a crise financeira de 2007-2009, cujos efeitos ainda estão reverberando na economia mundial³⁵.

Conclusão

Theotonio Dos Santos deu uma contribuição importante para a TD e, em menor medida, para a teoria do sistema-mundo. Ele será para sempre lembrado por sua contribuição pioneira para a TD. A TD refletiu um período histórico na América Latina que influenciou os crescentes movimentos estudantis nas décadas de 1960 e 1970, bem como os movimentos terceiro-mundistas e anti-imperialistas em todo o mundo. Também moldou os programas políticos e governamentais em vários países. A TD reformou os currículos acadêmicos e de pesquisa em muitos países e começou a mudar o

³⁵ Em anos recentes, vários livros e edições especiais de periódicos foram publicados sobre a teoria da dependência, contribuindo para seu renascimento que, no entanto, ainda é relativamente comedido; veja-se Katz (2018), Martins e Filgueiras (2018), Osório (2016), Seabra (2016), Sotelo (2018), entre outros. Para o esforço teórico mais notável e ambicioso para desenvolver as interconexões entre a teoria da dependência e a teoria do sistema-mundo, ver Martins (2020).

viés nortecêntrico das ciências sociais, não apenas no Norte, mas também no Sul, ajudando a descolonizar nossas mentes. Houve reverses à medida que os tempos mudam e os contra movimentos emergem, como com a ascensão do neoliberalismo.

Dos Santos esteve no centro desse movimento dependentista, embora muitos não soubessem disso. Quaisquer que sejam os méritos dessas teorias e a contribuição de Dos Santos para elas, ele, sem dúvida, encorajou novas gerações de acadêmicos e ativistas a se basearem nos problemas reais que o mundo, seus próprios países e povos enfrentam³⁶. Ele estava ansioso para contribuir para uma ciência social que refletisse as realidades do Sul no contexto mundial e alertasse contra a aplicação mecânica de teorias emanadas de uma realidade diferente. Seus muitos escritos e suas numerosas palestras em todo o mundo foram inspiração e motivação para muitos desenvolverem a criatividade intelectual crítica e o ativismo para a melhoria da humanidade.

³⁶ Como parte de seu ativismo político, era importante para Dos Santos alcançar o público mais amplo possível; portanto, seus artigos e seus livros foram reproduzidos em uma variedade de publicações. Uma coletânea em quatro volumes de suas obras está disponível gratuitamente *on-line* (mas observe-se que a numeração das páginas pode ser errática): RIVERA, María del Carmen del Valle e Sergio Javier Jasso Villazul (ed.) (2015) *Obras Reunidas de Theotonio Dos Santos*. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Económicas, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Ele pode ser baixado em <http://ru.iiec.unam.mx/id/eprint/3105>. O *curriculum vitae* de Dos Santos, que se refere apenas a suas atividades profissionais e suas publicações, pode ser baixado no *site* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), <http://lattes.cnpq.br/6723468271805377>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBIRRA, Vania. *Diez años de insurrección en América Latina*. Santiago: Editorial Prensa Latinoamericana (PLA), 1971.

BAMBIRRA, Vania. *Capitalismo dependiente latinoamericano*. Santiago: Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO): Editorial Prensa Latinoamericana (PLA), 1973.

BAMBIRRA, Vania. *Teoría de la dependencia: una anticrítica*. México, D.F.: Ediciones Era, 1978.

BAMBIRRA, Vania; DOS SANTOS, Theotonio. Brasil: Nacionalismo, Populismo y Dictadura. 50 Años de Crisis Social. In: CASANOVA, Pablo González (ed.). *América Latina: Historia de Medio Siglo*. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 1979. v. p. 129-179

BAMBIRRA, Vania; DOS SANTOS, Theotonio. *La estrategia y la táctica socialistas: de Marx y Engels a Lenin*. México, D.F.: Ediciones Era, 1980.

BEIGEL, Fernanda. Vida, muerte y resurrección de la “Teoría de la Dependencia. In: CLACSO (ed.). *Crítica y Teoría en el Pensamiento Social Latinoamericano*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2006. p. 287-326.

BRUCKMANN, Mónica; SEGRERA, Francisco. *Theotônio Dos Santos. Construir soberanía: Una interpretación económica de y para América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2020. 2 v.

CAPUTO, Orlando. Prólogo. In: DOS SANTOS, Theotonio. *Economía mundial, integración regional y desarrollo sustentable: las nuevas tendencias de la integración regional*. Alainet, 13 mar. 2018 [2013]. Disponible em: “Economía Mundial, Integración Regional y Desarrollo Sustentable: Las Nuevas Tendencias de La Integración Regional” (alainet.org). Acceso em: 20 dez. 2020.

CAPUTO, Orlando; PIZARRO, Roberto. *Imperialismo, dependencia y relaciones económicas internacionales*. Santiago: Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO), Universidad de Chile, 1970.

CÁRDENAS, Juan Cristóbal. *Surgimiento y sistematización de la teoría marxista de la dependencia: El Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO) de la Universidad de Chile (1964-1973)*. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 2011

CÁRDENAS, Juan Cristóbal. Una historia sepultada: El Centro de Estudios Socioeconómicos de la Universidad de Chile, 1965-1973 (a 50 años de su fundación). *De Raíz Diversa*, v. 2, n. 3, p. 121-140, 2015.

CÁRDENAS, Juan Cristóbal. *Los caminos de la sociología crítica y la cuestión de la dependencia: un registro de sus huellas en Chile y América Latina*. México, D.F.: UNAM, 2016.

CARDOSO, Fernando Henrique. Dependency and Development in Latin America. *New Left Review*, n. 74, p. 83-95, 1972.

CARDOSO, Fernando Henrique. Associated-dependent development: Theoretical and practical implications. In: STEPAN, Alfred (ed.). *Authoritarian Brazil: Origins, policies, and future*. New Haven, CT: Yale University Press, 1973. p. 142-176.

- CARDOSO, Fernando Henrique. *As ideias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. *Dependencia y desarrollo en América Latina: ensayo de interpretación sociológica*. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 1969.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Dependency and Development in Latin America*. Berkeley, CA: University of California Press, 1979.
- CEPAL. *Estudio Económico de América Latina 1949*. Santiago: CEPAL, 1950
- CNPq. “Theotonio dos Santos Júnior”. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6723468271805377>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- CORTÉS, Alexis. La dependencia ayer y hoy: Una evaluación política. *Espacio Abierto*, v. 25, n. 3, p. 217-227, 2016.
- DAL ROSSO, Sadi; SEABRA, Rafael. A teoria marxista da dependência: papel e lugar das ciências sociais da Universidade de Brasília. *Revista Sociedade e Estado*, edição especial, n. 31, p. 1029-1050, 2016.
- DE OLIVEIRA, Felipe Antunes. Development for Whom? Beyond the Developed/Underdeveloped Dichotomy. *Journal of International Relations and Development*, n. 23, p. 924-46, 2020.
- DOMÍNGUEZ-MARTÍN, Rafael. Theotonio dos Santos (1936–2018) y la reconstrucción de la economía política del desarrollo. *Revista Iberoamericana de Estudios de Desarrollo*, v.7 n.1, p.192-213, 2018.
- DOS SANTOS, Theotonio. *Quem são os inimigos do povo?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- DOS SANTOS, Theotonio. *Gran empresa y capital extranjero*. Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos Santiago (CESO): Universidad de Chile, 1967.
- DOS SANTOS, Theotonio. The changing structure of foreign investment in Latin America. In: PETRAS, James; ZEITLIN, Maurice. Zeitlin (ed.). *Latin America: Reform or Revolution?* New York: Fawcett, 1968a. -
- DOS SANTOS, Theotonio. Crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia en América Latina. *Boletín del CESO*, n. 3. Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos Santiago (CESO): Universidad de Chile, 1968b.
- DOS SANTOS, Theotonio. *El nuevo carácter de la dependencia*. Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos Santiago (CESO): Universidad de Chile, 1968c.
- DOS SANTOS, Theotonio. *Socialismo o Fascismo: dilema latinoamericano*. Santiago: Prensa Latinoamericana (PLA), 1969.
- DOS SANTOS, Theotonio. The structure of dependence. *The American Economic Review*, v. 60, n. 2, p. 231-236, 1970-a.
- DOS SANTOS, Theotonio. The structure of dependence. In: FANN, K. T.; HODGES, D. C. (ed.). *Readings in US Imperialism*. Boston: Porter Sargent, 1971. p. 225-236.
- DOS SANTOS, Theotonio. The structure of dependence. In: WILBER, C. K. (ed.). *Latin America: Reform or Revolution?* New York, 1973. p. 109-117.
- DOS SANTOS, Theotonio. The structure of dependence. In: LIVINGSTONE, I. (ed.). *Latin America: Reform or Revolution?* New York, 1973. p. 109-117.

on, 1981. p. 143-147.

DOS SANTOS, Theotonio. The structure of dependence. In: TODARO, M. P. (ed.). pp. New York: Longman, 1983. -

DOS SANTOS, Theotonio. *Dependencia y cambio social*. Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos (CESO): Universidad de Chile, 1970b.

DOS SANTOS, Theotonio. La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia em América Latina. In: JAGUARIBE, Hélio; FERRER, Aldo; WIONCZEK, Miguel S.; DOS SANTOS, Theotonio. *La dependencia político-económica de América Latina*. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 1970c. p. 147-187.

DOS SANTOS, Theotonio. *Socialismo o Fascismo: el nuevo carácter de la dependencia y el dilema latinoamericano*. Santiago: Ediciones Prensa Latinoamericana (PLA), 1972a.

DOS SANTOS, Theotonio. El nuevo carácter de la dependencia. In: MATOS MAR, José (ed.). *La crisis del desarrollismo y la nueva dependencia*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1972b. p. 11-113.

DOS SANTOS, Theotonio. Contradicciones del imperialismo contemporáneo. *Sociedad y Desarrollo: Revista del CESO*, n. 1, p. 9-34, 1972c.

DOS SANTOS, Theotonio. The Crisis of Development Theory and the Problem of Dependence in Latin America. In: BERNSTEIN, Henry (ed.). *Underdevelopment and Development: The Third World Today*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973. p. 57-80.

DOS SANTOS, Theotonio. Brazil, the Origins of a Crisis. In: CHILCOTE, Ronald H.; EDELSTEIN, Joel C. (ed.). *Latin America: The struggle with dependency and beyond*. New York: Schenkman Publishing, 1974. p. 415-490.

DOS SANTOS, Theotonio. Socialism and fascism in Latin America today. *Insurgent Sociologist*, v.7, n. 4, p.15-24, 1977a.

DOS SANTOS, Theotonio. *La Revolución Científico-Técnica: Tendencias y perspectivas*. México, D.F.: Facultad de Economía, UNAM, 1977b.

DOS SANTOS, Theotonio. *La crisis del imperialismo y la política externa norteamericana: cómo entender a Jimmy Carter*. México, D.F.: Ediciones de Cultura Popular, 1977c.

DOS SANTOS, Theotonio. *Imperialismo y dependencia*. México, D.F.: Ediciones Era, 1978a.

DOS SANTOS, Theotonio. *Brasil: la evolución histórica y la crisis del milagro económico*. México, D.F.: Editorial Nueva Imagen, 1978b.

DOS SANTOS, Theotonio. *Revolução Científico-Técnica e capitalismo contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 1983a.

DOS SANTOS, Theotonio. *Teorias do capitalismo contemporâneo*. Belo Horizonte: Vega, 1983b.

DOS SANTOS, Theotonio. *La crisis del capitalismo: teoría y práctica*. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 1984.

DOS SANTOS, Theotonio. *O caminho brasileiro para o socialismo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

DOS SANTOS, Theotonio. O combate pacífico pela sobrevivência. *Humanidades*, v. 5, n.18, p. 54-62, 1988.

DOS SANTOS, Theotonio. *Democracia e socialismo no capitalismo dependente*. Petrópolis: Vozes, 1991.

DOS SANTOS, Theotonio. *Economía mundial, integración regional e desenvolvimento sustentável: as novas tendências da economia mundial e a integração latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DOS SANTOS, Theotonio. Latin American underdevelopment: Past, present and future (p. 149–70). A homage to André Gunder Frank. In: CHEW, Sing C.; DENEMARK, Robert A. (ed.). *The Underdevelopment of Development: Essays in honour of Andre Gunder Frank*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996.

DOS SANTOS, Theotonio. The theoretical foundations of the Cardoso Government: A new stage of the dependency-theory debate. *Latin American Perspectives*, v. 25, n. 1, p. 53-70, 1998.

DOS SANTOS, Theotonio. World economic system: On the genesis of a concept. *Journal of World-Systems Research*, v. 6, n. 2, p. 456-477, 2000.

DOS SANTOS, Theotonio. *La teoría de la dependencia: balance y perspectivas*. México, D.F.: Plaza y Janés Editores, 2000.

DOS SANTOS, Theotonio. *A teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DOS SANTOS, Theotonio. *Economía mundial e integración regional latinoamericana*. México, D.F.: Plaza y Janés Editores, 2004.

DOS SANTOS, Theotonio. André Gunder Frank. *Latin American Perspectives*, v. 32, n. 6, p. 90-92, 2005a.

DOS SANTOS, Theotonio. André Gunder Frank (1929-2005). *Monthly Review*, 21 maio, 2005b. Disponível em: <https://monthlyreview.org/commentary/andre-gunder-frank-1929-2005>. DOS SANTOS, Theotonio. *Del terror a la esperanza: auge y decadencia del neoliberalismo*. Caracas: Monte Ávila Editores, 2007.

DOS SANTOS, Theotonio. Theotonio dos Santos: Carta aberta a Fernando Henrique Cardoso, 2010a. Disponível em: <https://folhadiferenciada.blogspot.com/2010/10/theotonio-dos-santos-carta-aberta.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

DOS SANTOS, Theotonio. *Economía mundial, integración regional y desarrollo sostenible: las nuevas tendencias y la integración latinoamericana*. Peru: Infodem, 2010b.

DOS SANTOS, Theotonio. Development and civilization. *Social Change*, v. 40, n. 2, p. 95-116, 2010c.

DOS SANTOS, Theotonio. Globalization, emerging powers, and the future of capitalism. *Latin American Perspectives*. v. 38, n. 2, p. 45-57.

DOS SANTOS, Theotonio. What kind of basic changes do we need in the new world system? Some reflections on globalization, development and social justice. In: BIALAKOWSKY, Alberto L. et al. (ed.) *Latin American Thought: Theory and practice*. Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 219-236.

DOS SANTOS, Theotonio. Esquema de Investigación sobre relaciones de dependencia em América Latina: Bosquejo informativo (p. 28–34). In: RIVERA, Mariaaaa del Car-

men del Valle; VILLAZUL, Sergio J. Jasso (ed.). *Obras reunidas de Theotonio dos Santos*, “Documento Fundacional”. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Económicas, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 2015. v. 1.

DOS SANTOS, Theotonio. *Desenvolvimento e civilização: homenagem a Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ), 2016.

DOSMAN, Edgar. *The Life and Times of Raúl Prebisch 1901-1986*. Montreal; Kingston: McGill-Queen's University Press, 2008.

EMMANUEL, Arghiri. *Unequal Exchange: A study of the imperialism of trade*. New York: Monthly Review Press, 1972.

FRANK, Andre Gunder. The development of underdevelopment. *Monthly Review*, v. 18, n. 4, p. 17-31, 1966.

FRANK, Andre Gunder. Sociology of development and underdevelopment of sociology. In: COCKCROFT, James D.; FRANK, Andre G.; JOHNSON, Dale L. *Dependence and Underdevelopment: Latin America's political economy*. New York: Doubleday (1972 [1967]). p. 321-397.

FRANK, Andre Gunder. La dependencia ha muerto, viva la dependencia y la lucha de clases. *Sociedad y Desarrollo: Revista del CESO*, n. 3, p. 217-34, 1972.

FRANK, Andre Gunder. *El subdesarrollo del desarrollo: un ensayo autobiográfico*. Caracas; Madrid: Nueva Sociedad: IEPALA, 1991.

FRANK, Andre Gunder. *ReOrient: Global economy in the Asian Age*. Berkeley, CA: University of California Press, 1998.

FRANK, Andre Gunder. Globalización, no occidentalización. In: SEGRERA, Francisco L. (ed.). *Los retos de la globalización: ensayos en homenaje a Theotonio Dos Santos*. v. I. p. 311-344.

FRANK, Andre Gunder. La dependencia de Celso Furtado. 2003. Disponível em: www.rrojasdatabank.info/agfrank/celso.html. Acesso em: 18 mar. 2019.

FRANK, Andre Gunder. La dependencia de Theotonio. Disponível em: www.rrojasdatabank.info/deptheo.doc. Acesso em: 18 mar. 2019.

FURTADO, Celso. *Uma economia dependente*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

FURTADO, Celso. The concept of external dependence in the study of underdevelopment. In: WILBER, Charles K. (ed.). *The Political Economy of Development and Underdevelopment*. New York: Random House, 1973. p. 118-230.

FURTADO, Celso. Underdevelopment and dependence: The fundamental connection. Working Paper n. 17. Cambridge: Centre of Latin American Studies, University of Cambridge, 1974.

GIRVAN, Norman. Caribbean dependency thought revisited. *Canadian Journal of Development Studies*, v. 27, n. 3, p. 327-352, 2006.

GWYNNE, Robert; KAY, Cristobal. The alternatives to neoliberalism (p. 253-67). In: GWYNNE, Robert N.; KAY, Cristobal (ed.). *Latin America Transformed: Globalization and modernity*. 2. ed. London: Hodder Education, 2004.

- HIRSCHMANN, Albert. Ideologies of economic development in Latin America. In: HIRSCHMAN, Albert O. (ed.) *Latin American Issues: Essays and comments*. New York: Twentieth Century Fund, 1961. p. 3-42.
- KATZ, Claudio. *La teoría de la dependencia, cincuenta años después*. Buenos Aires: Editorial Batalla de Ideas, 2018.
- KATZ, Claudio. Atualização o veneración de la teoría de la dependencia. *La página de Claudio Katz: textos de ciencias sociales*, 7 maio 2019. Disponível em: www.lahaine.org/katz. Acesso em: 29 maio 2019.
- KATZ, Claudio. *Latin American Theories of Development and Underdevelopment*. London: Routledge, 1989.
- KAY, Cristobal. Reflections on the Latin American Contribution to Development Theory. *Development and Change*, v. 22, n. 1, p. 31-68, 1991.
- KAY, Cristobal. For a Renewal of Development Studies: Latin American theories and neoliberalism in the era of structural adjustment. *Third World Quarterly*, v. 14, n. 4, p. 691-702, 1993.
- KAY, Cristobal. Review of The Dependency Movement: Scholarship and politics in development studies by Robert A. Packenham. *Journal of Latin American Studies*, v. 26, n. 2, p. 513-515, 1994.
- KAY, Cristobal. Why East Asia Overtook Latin America: Agrarian reform, industrialization and development. *Third World Quarterly*, v. 23, n. 6, p. 1073-1102, 2002.
- KAY, Cristobal. André Gunder Frank: From the “Development of Underdevelopment” to the “World System”. *Development and Change*, v. 36, n. 6, p. 1177-1183, 2005a.
- KAY, Cristobal. Celso Furtado: Pioneer of structuralist development theory. *Development and Change*, v. 36, n. 6, p. 1201-1207, 2005b.
- KAY, Cristobal. Andre Gunder Frank: “Unity in Diversity” from the development of underdevelopment to the world system. *New Political Economy*, v. 16, n. 4, p. 523-538, 2011.
- KAY, Cristobal. Modernization and dependency theory. In: CUPPLES, Julie; PALOMINO-SCHALSCHA, Marcela; PRIETO, Manuel (ed.). *The Routledge Handbook of Latin American Development*. London: Routledge, 2019-a.-.
- KAY, Cristobal. Raúl Prebisch: 1901-1986. In: SIMON, David (ed.). *Key Thinkers on Development*. London: Routledge, 2019b. p. 339-345.
- KAY, Cristobal; GWYNNE, Robert. Relevance of structuralist and dependency theories in the neoliberal period: A Latin American perspective. *Journal of Developing Societies*, v. 16, n. 1, p. 49-70, 2000.
- KVANGRAVEN, Ingrid. Beyond the stereotype: Restating the relevance of the dependency research programme. *Development and Change*, v. 52, n. 1, p. 76-112, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/dech.12593>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- LEIVA, Fernando. *Latin American Neostructuralism: The contradictions of post-neoliberal development*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2008.
- LEWIS, Arthur. Economic development with unlimited supplies of labour. *The Manchester School*, v. 22, n. 2, p.139-191, 1954.

LOVE, Joseph. The origins of dependency analysis. *Journal of Latin American Studies*, v. 22, n. 1-2, p. 143-168, 1990.

LOZOYA, Ivete. Intelectuales y política en el Chile de los 60 y 70: entrevista con Cristóbal Kay. *Historia, Voces y Memoria*, n. 6, p. 211-231, 2013.

LOZOYA, Ivete. Theotonio Dos Santos, un intelectual revolucionario. *Revista Izquierdas*, n. 25, p. 258-275, 2015.

LOZOYA, Ivete. *Intelectuales y revolución*. Científicos sociales latino-americanos en el MIR Chileno (1965-1973). Santiago: Ariadne Ediciones, 2020.

LOZOYA, Ivete. *A Southern Perspective on Development Studies*. Santiago: Ariadna Ediciones, 2021.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Santiago: Editorial Universitaria, 1955 [1928].

MARINI, Ruy Mauro. Dialéctica de la dependencia: La economía exportadora. *Sociedad y Desarrollo*, v. 1, p. 35-51, 1972.

MARINI, Ruy Mauro. World capitalist accumulation and sub-imperialism. *Two Thirds*, n. 1, p. 29-39, 1978.

MARTINS, Carlos Eduardo. Theotonio dos Santos: Introducción a la vida y la obra de un intelectual planetario. In: SEGRERA, Francisco López (ed.). *Los retos de la globalización: Ensayos en homenaje a Theotonio Dos Santos*. Lima: Instituto Perumundo. 1998. v. 1. p. 36-89.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Dependency, Neoliberalism and Globalization in Latin America*. Chicago, IL: Haymarket Books, 2020.

MARTINS, Carlos Eduardo; FILGUEIRAS, Luiz (ed.). Dossiê: a teoria marxista da dependência e os desafios do século XXI. *Caderno CRH*, v. 31, n. 84, p. 445-553, 2018.

OSORIO, Jaime. *Teoría marxista de la dependencia*. México, D.F.: Editorial ITACA: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 2016.

ÖZEKIN, Muhammed Kürşad. On the contemporary relevance of dependency perspective: A critical appraisal. *Perspectives on Global Development and Technology*, v. 19, n. 4, p. 418-448, 2020.

PACKENHAM, Robert. *The Dependency Movement: Scholarship and politics in development studies*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

PALMA, Gabriel. Dependency: A formal theory of underdevelopment or a methodology for the analysis of concrete situations of underdevelopment? *World Development*, v. 6, n. 7-8, p. 881-924, 1978.

PIMMER, Stefan; SCHMIDT, Lukas (ed.). *Dependenztheorien Reloaded*. *Journal für Entwicklungspolitik*, v. 31, n. 3, p. 4-110, 2015.

PREBISCH, Raúl. *The Economic Development of Latin America and its Principal Problems*. New York: United Nations, 1950.

PREBISCH, Raúl. *Towards a New Trade Policy for Development*. Report by the Secretary General of UNCTAD. New York: United Nations, 1964.

PREBISCH, Raúl. *Capitalismo periférico: crisis y transformación*. México, D.F.: Fondo

de Cultura Económica, 1981.

PREBISCH, Raúl. Five stages in my thinking on development (p. 175–90). In: MEIER, Gerald M.; SEERS, Dudley (ed.). *Pioneers in Development*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

RAMOS, Sergio. *Chile, ¿Una economía de transición?* Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos (CESO): Universidad de Chile: Editorial Prensa Latinoamericana (PLA), 1972.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. El rescate de la teoría marxista de la dependencia en el siglo XXI. *REBELA: Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, v. 4, n. 3, p. 523-541, 2014.

SALINAS, Sérgio. Brasileiros e ciências sociais no Chile da Unidad Popular. *Revista Eletrônica da Anphlac*, n. 18, p. 121-138, 2015.

SÁNCHEZ, Omar. The rise and fall of the dependency movement: Does it inform underdevelopment today? *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 14, n. 2, p. 31-50, 2003.

SEABRA, Raphael (ed.). *Dependência e marxismo: contribuições ao debate crítico latino-americano*. Florianópolis: Insular, 2016.

SEABRA, Raphael. Do dependentismo à teoria marxista da dependência: uma síntese crítica desta transição. *Revista Sociedade e Estado*, v. 34, n. 1, p. 261-283, 2019.

SEABRA, Raphael. A vocação política da teoria marxista da dependência: uma análise da política operária. *Latin American Research Review*, v. 55, n. 4, p. 662-675, 2020.

SOTELO, Adrián. *Sub-imperialism Revisited: Dependency theory in the thought of Ruy Mauro Marini*. Londres: Haymarket, 2018.

SUNKEL, Oswaldo. The structural background of development problems in Latin America. *Weltwirtschaftliches Archiv*, v. 97, n. 1, p. 22-63, 1966.

SUNKEL, Oswaldo. National development policy and external dependence in Latin America. *Journal of Development Studies*, v. 6, n. 1, p. 23-48, 1969.

SUNKEL, Oswaldo. Big business and “dependência”: A Latin American view. *Foreign Affairs*, v. 50, n. 3, p. 517-531, 1972.

SUNKEL, Oswaldo; PAZ, Pedro. *El subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo*. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1970.

VALENZUELA FEIJÓO, José C. Emmanuel y el intercambio desigual. *Sociedad y Desarrollo*, n. 1, p. 163-177, 1972.

VALENZUELA FEIJÓO, José C. Theotonio dos Santos: un breve recuerdo. *La Jornada en Línea*, 28 fev. 2018. Disponível em: <http://178.62.201.127/noticia/theotonio-dos-santos-um-breve-recuerdo>. Acesso em: 18 abr. 2018.

VALENZUELA FEIJÓO, José Carlos. De teorías económicas y de políticas: La UP, el CESO y el enfoque de la dependencia. In: CÁRDENAS, Juan Cristóbal; SEABRA, Raphael (ed.). *El giro dependentista latinoamericano: Esquemas de investigación sobre relaciones de dependencia*. México, D.F.; Madrid: Siglo XXI: Akal Ediciones [no prelo], 2021.

VASCONI, Tomás A. Dependencia y superestructura. In: VASCONI, Tomás A.;

RECA, Inés C. *Modernización y Crisis en la Universidad Latinoamericana*. Cuadernos de Estudios Socio-Económicos, n. 14. Santiago: Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO), Universidad de Chile, 1971. p. 9-38.

VASCONI, Tomás A. Cultura, ideología, dependencia y alienación. In: MATOS MAR, José (ed.). *La crisis del desarrollismo y la nueva dependencia*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1972. p. 114-134.

VASCONI, Tomás A.; GARCÍA DE ALMEIDA, Marco A. El desarrollo de las ideologías dominantes en América Latina. *Sociedad y Desarrollo: Revista del CESO*, n. 1, p. 97-114, 1972.

VIDAL, Paula Vidal. Theotonio Dos Santos en el Chile de la Unidad Popular. *Cuadernos de Historia*, n. 39, p. 185-200, 2013.

WASSERMAN, Claudia. Transição ao socialismo e transição democrática: exilados brasileiros no Chile. *História Unisinos*, v. 16, n. 1, p. 82-92, 2012.

Abstract: The life and work of Theotonio dos Santos is analyzed, focusing on his contribution to dependency theory, beginning with his formative years in academia and his early political activism in Brazil, highlighting his period at the University of Brasilia with Vania Bambirra, Ruy Mauro Marini and André Gunder Frank. During their years of exile in Chile, these four researchers regrouped in the Centre for Socio-economic Studies (CESO) of the University of Chile, which became the center of the Marxist theory of dependency in Latin America. It is at CESO that Dos Santos wrote his founding texts on dependency theory. The military coup of September 11, 1973 forced him once again into exile. During his exile in Mexico, and then back in Brazil, he continued to develop dependency theory but he mainly focuses on world system theory. His work culminates with the publication of his trilogy on the contemporary crisis of capitalism and with his book on development and civilization in homage to Celso Furtado.

Keywords: Dependency Theory. World System. Ruy Mauro Marini. André Gunder Frank. Vania Bambirra. Brazil.

Resumen: Se analiza la vida y obra de Theotonio dos Santos enfocándose en su contribución a la teoría de la dependencia comenzando con sus años de formación en la academia y su temprano activismo político en Brasil, destacándose su período en la Universidad de Brasilia junto a Vania Bambirra, Ruy Mauro Marini y André Gunder Frank. Durante sus años de exilio en Chile, estos cuatro investigadores se reagrupan en el Centro de Estudios Socioeconómicos (CESO) de la Universidad de Chile que se transforma en el centro de la teoría marxista de la dependencia en América Latina. Es en el CESO donde Dos Santos escribió sus textos fundacionales sobre la teoría de la dependencia. El golpe militar del 11 de septiembre de 1973, lo obligó una vez más al exilio. Durante su exilio en México, y luego de regreso en Brasil, sigue desarrollando la teoría de la dependencia pero se centra principalmente en la teoría del sistema mundial. Su obra culmina con la publicación de su trilogía sobre la crisis contemporánea del capitalismo y con su libro sobre desarrollo y civilización en homenaje a Celso Furtado.

Palabras clave: Teoría de la Dependencia. Sistemas-Mundo. Ruy Mauro Marini. André Gunder Frank. Vania Bambirra. Brasil.